

I ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA

UMA CIDADE EM ESCAVAÇÃO

Teatro Aberto
26, 27 e 28
Nov. de 2015

I ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA

UMA CIDADE EM ESCAVAÇÃO

Teatro Aberto
26, 27 e 28
Nov. de 2015

Lisboa, 2017

Título:

I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação
(Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)

Coordenação editorial:

Ana Caessa

Cristina Nozes

Isabel Cameira

Rodrigo Banha da Silva

Design gráfico do Encontro:

João Rodrigues, Ana Filipa Leite

Design gráfico e composição do Livro de Resumos e das Atas:

Rui Roberto de Almeida

Edição:

CAL/DPC/DMC/CML

Centro de Arqueologia de Lisboa / Departamento de Património Cultural /

Direção Municipal de Cultura / Câmara Municipal de Lisboa

Impressão:

Livro de Resumos - Imprensa Municipal / Câmara Municipal de Lisboa

CD Atas - MPO (Portugal)

Tiragem: 450 exemplares

ISBN: *Livro de Resumos* - 978-972-8543-45-7 / *Atas* - 978-972-8543-46-4

Depósito Legal: 433151/17

Advertências:

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. O Centro de Arqueologia de Lisboa declina qualquer responsabilidade por equívocos ou questões de ordem ética e legal.

O cumprimento, ou não, do Acordo Ortográfico de Língua Portuguesa de 1990 (em vigor desde 2009), assim como as traduções para a língua inglesa, são unicamente da responsabilidade dos autores de cada texto.

Os direitos de autor da obra são extensíveis a todos os documentos, impressos ou manuscritos, com tratamento digital de imagem, nela publicados. Assim, toda e qualquer reprodução de texto e imagem é interdita, sem a autorização escrita dos autores, ou dos seus representantes legais, nos termos da lei vigente, nomeadamente o Código do Direito de Autor e Direitos Conexos. Em power-points, a reprodução de imagens ou de partes do texto é permitida, com a condição de origem e autoria do texto e das imagens serem expressamente indicadas no diapositivo em que é feita a reprodução.

Para intercâmbio (on prie l'échange, exchange accepted):

CAL - Centro de Arqueologia de Lisboa

Av. da Índia 166, 1400-207 LISBOA, Portugal

ÍNDICE

Prefácio	9
Introdução	11
Comissão	13
1. A OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO DO MUNICÍPIO DE LISBOA	14
1. A ARQUEOLOGIA DO SÍTIO DE LISBOA: UM (NOVO) BALANÇO CRÍTICO, VINTE E UM ANOS DEPOIS Carlos Fabião	16
2. O SÍTIO NEO-CALCOLÍTICO DA TRAVESSA DAS DORES (AJUDA-LISBOA) Nuno Neto, Paulo Rebelo, João Luís Cardoso	24
3. UM SÍTIO DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE EM PEDROUÇOS (BELÉM, LISBOA) Anabela Castro, Victor Filipe, João Paulo Barbosa	38
4. RESULTADOS PRELIMINARES DA PRESENÇA PRÉ-ROMANA NO PÁTIO JOSÉ PEDREIRA (RUA DO RECOLHIMENTO/BECO DO LEÃO, LISBOA) Anabela Joaquineto	48
5. LOUÇA “DE FORA” EM CARNIDE (1550-1650). ESTUDO DO CONSUMO DE CERÂMICA IMPORTADA Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida, Ana Margarida Moço	56
2. A CIDADE MANUFATUREIRA E INDUSTRIAL	68
2. RUA DE SANTIAGO, LISBOA: TANQUES ROMANOS NA REQUALIFICAÇÃO DO EDIFÍCIO SITO NO N.º 10-14 João Miguez, Alexandre Sarrazola	70
3. OBJECTOS PRODUZIDOS EM MATÉRIAS DURAS DE ORIGEM ANIMAL, DO CONVENTO DE SANTANA, DE LISBOA Mário Varela Gomes, Rosa Varela Gomes, Joana Gonçalves	84
4. CERÂMICA MODERNA DE LISBOA: PROPOSTA TIPOLÓGICA Jacinta Bugalhão, Inês Pinto Coelho	106
5. EVIDÊNCIAS DE PRODUÇÃO OLEIRA DOS FINAIS DO SÉCULO XVI A MEADOS DO SÉCULO XVII NO LARGO DE JESUS (LISBOA) Guilherme Cardoso, Luísa Batalha	146
6. UMA INTERVENÇÃO EM PLENO BAIRRO DAS OLARIAS: NOVOS DADOS SOBRE A PRODUÇÃO OLEIRA NO SÉCULO XVII Inês Mendes da Silva, Marina Pinto	146

3. A ARQUEOLOGIA DOS ESPAÇOS, A IDENTIDADE E A FISIONOMIA DA CIDADE	190
1. MUSEU DE LISBOA – TEATRO ROMANO: UM MUSEU E UM MONUMENTO ROMANO NA CIDADE Lídia Fernandes	192
2. A CERÂMICA DE ENGOBE VERMELHO DE LISBOA Elisa de Sousa	212
3. DADOS PRELIMINARES DE UMA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NOS ANTIGOS ARMAZÉNS SOMMER, LISBOA (2014-2015) - TRÊS MIL ANOS DE HISTÓRIA DA CIDADE DE LISBOA Ricardo Ávila Ribeiro, Nuno Neto, Paulo Rebelo, Miguel Rocha	222
4. AS TERMAS ROMANAS ÀS PORTAS DE ALFAMA Vanessa Filipe, Raquel Santos	246
5. A CERÂMICA COMUM DE PRODUÇÃO LOCAL E REGIONAL DO NÚCLEO ARQUEOLÓGICO DA RUA DOS CORREIROS, LISBOA. OS CONTEXTOS FABRIS Carolina Grilo	254
6. PRESENÇA DA OCUPAÇÃO ROMANA NO ALJUBE DE LISBOA Clementino Amaro, Eurico de Sepúlveda	272
7. A CERCA FERNANDINA: DAS PORTAS DE STA. CATARINA AO POSTIGO DO DUQUE - LISBOA Nuno Neto, Paulo Rebelo, Vanessa Mata	286
8. INDAGAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NA MURALHA ANTIGA DE LISBOA: O LANÇO ORIENTAL ENTRE A ALCÁÇOVA DO CASTELO E O MIRADOURO DE SANTA LUZIA Marina Carvalhinhos, Nuno Mota, Pedro Miranda	298
9. PERSPECTIVAS ARQUEO-BIOLÓGICAS SOBRE A NECRÓPOLE ISLÂMICA DE ALFAMA Vanessa Filipe, Alice Toso, Joana Inocêncio	338
10. A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO ÂMBITO DO PROJECTO DE ARQUITECTURA “APARTAMENTOS PEDRAS NEGRAS” (LISBOA) Sofia de Melo Gomes, Mónica Ponce, Victor Filipe	348
11. UMA APROXIMAÇÃO AO ESPAÇO VIVENCIAL DA CASA DOS BICOS: A CULTURA MATERIAL DE UMA LIXEIRA DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XVIII Inês Pinto Coelho, Tiago Silva, André Teixeira	366
12. CASA DA SEVERA, MEMÓRIAS ARQUEOLÓGICAS DE UM ESPAÇO (LARGO DA SEVERA N.º 2, MOURARIA, LISBOA) Ana Caessa, António Marques, Nuno Mota	386
13. RUA DO COMÉRCIO Nº 1 A 13, LISBOA: METAMORFOSE ESPACIAL Alexandra Krus, Isabel Cameira, Márcio Martingil	414
14. TESTEMUNHOS ARQUEOLÓGICOS NA RUA DO JARDIM DO REGEDOR Nº 10 A 32, LISBOA Márcio Martingil	426
15. OBJECTOS DO QUOTIDIANO NUM POÇO DO HOSPITAL REAL DE TODOS-OS-SANTOS Carlos Boavida	440

16. FRAGMENTOS DA MESA NOBRE DE UMA CIDADE EM TRANSFORMAÇÃO: PORCELANA CHINESA NUM CONTEXTO DE TERRAMOTO DA PRAÇA DO COMÉRCIO (LISBOA) Sara Ferreira, César Neves, Andrea Martins, André Teixeira	458
17. NAVIOS DE ÉPOCA MODERNA EM LISBOA: BALANÇO E PERSPECTIVAS DE INVESTIGAÇÃO José Bettencourt, Cristóvão Fonseca, Tiago Silva, Patrícia Carvalho, Inês Coelho, Gonçalo Lopes	478
18. IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DE UMA ESTRUTURA SEISCENTISTA: O BALUARTE DO TERREIRO DO PAÇO César Neves, Andrea Martins, Gonçalo Lopes	496
19. A RAMPA DOS ESCALERES REAIS DA CORDOARIA NACIONAL: PRIMEIROS SINAIS DO FIM DO IMPÉRIO Mónica Ponce, Marta Lacasta Macedo, Alexandre Sarrazola, Teresa Alves de Freitas	510
Lista de Abreviaturas	516
Autores	517
Participantes	518

Cozinha

Alguidar

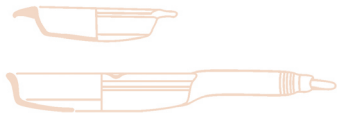


A CIDADE MANUFATUREIRA E INDUSTRIAL

Almofariz



Frigideira



Testo



RESUMO:

A actividade arqueológica na cidade de Lisboa tem registado nas últimas décadas uma grande dinâmica, quer em relação ao grande número de intervenções realizadas, quer em relação à sua dispersão espacial no espaço urbano. Paralelamente, os contextos arqueológicos de Época Moderna têm suscitado um interesse crescente entre os investigadores. Esta conjuntura justifica a publicação, nos últimos anos, de numerosas referências bibliográficas sobre contextos arqueológicos de Época Moderna na cidade, e conseqüentemente, o estudo de um número considerável de conjuntos cerâmicos com esta cronologia. Lisboa, capital portuguesa e sede económica e comercial do vasto território envolvido no fenómeno da expansão marítima, assume, neste período histórico, o papel de centro oleiro, produzindo, redistribuindo e comercializando recipientes cerâmicos a nível global. Considera-se por isso, estarem reunidas condições para ensaiar uma primeira proposta de sistematização tipológica e cronológica para as produções cerâmicas de Lisboa entre os séculos XV e XVIII. Serão considerados os aspectos tecnológicos, morfológicos, funcionais, com especial atenção à terminologia.

PALAVRAS-CHAVE:

Lisboa, produções cerâmicas, cerâmica moderna, sistematização tipológica.

ABSTRACT:

The archaeological activity in Lisbon has experienced in the recent decades a large dynamic, both in relation to the large number of interventions, or to its spatial dispersion in the urban space. Simultaneously the archaeological contexts of the early-modern period have raised a growing interest among the researchers.

This justifies the publication in recent years, of several references on early-modern archaeological contexts in the city, and consequently, the study of a number of ceramic assemblages of this period. Lisbon, the Portuguese capital of the vast territory involved in the maritime expansion, assumes in this historical period the role of a pottery center, producing, redistributing and trading ceramics at a global level.

Therefore we believe that it is time to rehearse a first proposal of typological and chronological systematization of Lisbon ceramic productions between the 15th-18th centuries. Technological, morphological and functional aspects will be considered with special attention to terminology.

KEY WORDS:

Lisbon, pottery productions, early-modern ceramic, typological systematization.

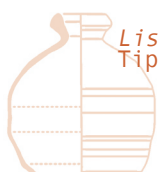
Barril



Cântaro



Botija



Cantil

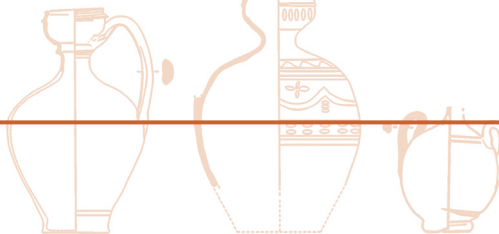


Bolão



Mesa

Bilha



Infusa



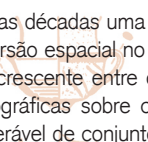
Tampa



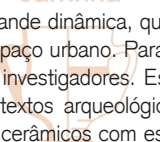
Açucareiro



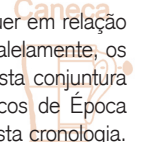
Taça de pé alto



Jarrinha



Caneca



Púcaro



Tigela



Salseira / Saleiro



Prato

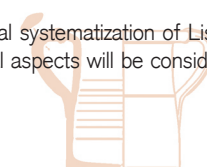


Higiene

Talho

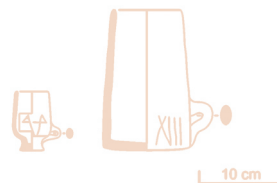


Sarrafão



Outras

Recipiente de medida



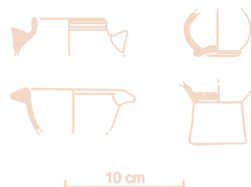
Mealheiro



Candeia



Brinco



Jarra



Candeeiro



Apito



Sino



Pedra de jogo



Lisboa. Tipologia geral da cerâmica moderna

Jacinta Bugalhão

DGPC; investigadora UNIARQ/FLUL e CEAACP

jacintabugalhao@gmail.com

Inês Pinto Coelho

Bolseira de doutoramento FCT; CHAM-FCSH/NOVA|UAc

inesalexandrapinto@gmail.com

1. Objectivos

O objectivo do presente estudo é a definição de uma *Tipologia* para os objectos cerâmicos produzidos e utilizados em Lisboa, no período moderno (entre os séculos XV e XVIII), integráveis nas produções de cerâmica comum (incluindo cerâmica pintada, manual e brunida), de cerâmica vidrada (excluindo as produções de cerâmica vidrada/esmaltada a branco, faiança, grés e porcelana) e de cerâmica fina (incluindo cerâmica com decoração modelada, incisa e pedrada). As produções consideradas de exportação foram excluídas do presente estudo.

Nos últimos anos tem-se vindo a assistir a um interesse crescente pela arqueologia de Época Moderna, traduzido num aumento de estudos e referências bibliográficas (TEIXEIRA, BETTENCOURT, 2012; GOMES, 2014). Para este processo contribuíram decisivamente as *Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval* promovidas em Tondela (1992, 1995, 1997 e 2000; publicadas em 1995, 1998, 2004 e 2008), bem como a orientação curricular e prática da licenciatura em Arqueologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e a extraordinária intensificação da actividade arqueológica urbana. Expressão desta realidade pode constatar-se no programa do *I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses* realizado no final de 2013, no qual cerca de 15% das comunicações e *posters* incidiram sobre contextos de Época Moderna (ARNAUD, MARTINS, NEVES, 2013), mas, principalmente, no programa do *I Encontro de Arqueologia de Lisboa* que agora se publica, no qual quase 50% das comunicações incidiram sobre o mesmo período histórico.

Assim sendo, pensa-se ser o momento de promover alguma reflexão de síntese sobre um volume já significativo de informação científica e arqueológica produzida. Neste âmbito, a cerâmica, como espólio mais abundante

e informativo no registo arqueológico de período moderno, adquire especial relevância. Assim, considerou-se adequado promover uma proposta de normalização terminológica para os objectos cerâmicos de Época Moderna, recolhidos na cidade de Lisboa. Atendendo ao carácter recente dos estudos arqueológicos desta cronologia entre nós, não estão disponíveis propostas tipológicas para cerâmica deste período histórico existentes e, por vezes, até abundantes, para outros.

A importância da normalização em ciência é evidente, mas neste caso concreto visa essencialmente disponibilizar um instrumento básico para a classificação de objectos, promovendo a clareza de conceitos aplicados e facilitando a comunicação científica e a divulgação pública. Salienta-se que a *Tipologia* aqui reproduzida é uma primeira proposta para as produções cerâmicas referidas, considerando-se por isso apenas um momento inicial de um trabalho mais vasto, que seguramente prosseguirá em futuro próximo.

Embora não exista qualquer proposta tipológica para a cerâmica moderna da cidade de Lisboa, estão publicados alguns estudos que constituem referências incontornáveis para este propósito. É o caso dos estudos das cerâmicas exumadas na Rua do Benfornoso, 168-186 (MARQUES, LEITÃO, BOTELHO, 2012) e das cerâmicas exumadas na Casa do Governador, Castelo de São Jorge (GASPAR *et alii*, 2009), conjuntos datados dos séculos XV-XVI.

De igual forma, cumpre referir que são conhecidas colecções cerâmicas que, pela extraordinária dimensão, diversidade e estado de conservação, contêm potencial para fornecer elementos fundamentais para o conhecimento da cerâmica de Época Moderna da cidade de Lisboa, mas que permanecem em grande parte por estudar e publicar. É o caso do conjunto cerâmico recolhido em 1996, no Largo do Corpo Santo (CNS 16681), datado entre o final do XV e meados do século XVI; e do conjunto

cerâmico recolhido em 2012 e 2013, no âmbito do projecto de Requalificação Paisagística do Largo do Coreto de Carnide e ruas adjacentes (CNS 34879), datado entre os séculos XVI e XVII.

2. Metodologia

A abordagem metodológica seguida baseou-se nos pressupostos utilizados para estudo idêntico realizado para cerâmica islâmica pelo Grupo CIGA - Projecto para o estudo da Cerâmica Islâmica do Garb al-Andalus (BUGALHÃO *et alii*, 2010).

A recolha de informação iniciou-se com o levantamento exaustivo das referências sobre contextos arqueológicos da cidade de Lisboa em Época Moderna, tendo-se reunido um total de 147 títulos. Destes, um total de 49 trabalhos forneceram informação útil para o estudo em curso, sendo que se referem a um conjunto de 45 sítios arqueológicos distintos. A informação relativa a cerâmica de Época Moderna recolhida nestes 45 sítios encontra-se sistematizada na Tabela 2. Destes 45 sítios, apenas 36 facultaram informação útil para a constituição da *Tipologia: estampa* (Figura 31), pois apenas destes estão publicados desenhos de peças íntegras ou quase. Os restantes nove sítios arqueológicos apresentam referências bibliográficas com informação sobre as colecções cerâmicas de Época Moderna, mas não forneceram peças completas ou quase, figurando os objectos sem ilustração ou ilustração apenas fotográfica. Resta referir que, na maioria dos casos, os estudos referidos são publicação parcial das colecções cerâmicas, não incidindo sobre a sua totalidade.

Neste contexto, foi constituído um *corpus* que reúne todos os objectos cerâmicos íntegros (ou quase) publicados, com referência ao sítio de recolha, produção, tipologia, função e cronologia atribuídas e referências bibliográficas. O *corpus* integrou quase exclusivamente recipientes cerâmicos de uso doméstico (mesa, cozinha, armazenamento e transporte, iluminação, higiene e outros), a que se juntam alguns objectos de uso lúdico e outros relacionados com a actividade comercial, estando ausentes nos conjuntos cerâmicos publicados, a cerâmica de construção e a cerâmica de uso agrícola ou artesanal.

Numa segunda fase, agruparam-se os recipientes cerâmicos constantes no *corpus* nas três grandes produções inicialmente consideradas e já referidas: cerâmica comum (inclui pintada, manual, brunida), cerâmica vidrada (excluindo as produções de cerâmica vidrada/esmaltada a branco, faiança, grés, porcelana) e cerâmica fina (incluindo cerâmica com decoração modelada, incisa e pedrada). Deve referir-se que na definição destas produções não foi considerada qualquer abordagem técnica ou tecnológica. Assim, não foram estabelecidos grupos de produção a partir de pastas cerâmicas ou de variantes tecnológicas de produção oleira.

Numa terceira fase, procedeu-se ao agrupamento dos recipientes cerâmicos constantes no *corpus* em "tipos" coerentes, consideradas as suas forma, morfologia e função. Para cada tipo, sempre que possível, foi ilustrada a evolução entre os séculos XV e XVIII, em função das cronologias atribuídas pelos respectivos autores. Foram assim elaboradas estampas tipológicas para cada tipo, por

produção e cronologia. De referir que as estampas utilizaram os desenhos publicados mas que estes foram objecto de vectorização, uniformizando critérios gráficos. Na legendagem das estampas tipológicas constam a informação contextual de cada peça e os créditos bibliográficos, com excepção do candeeiro e das pedras de jogo (peças inéditas), cujas ilustrações foram elaboradas pelas autoras e agora se publicam.

Finalmente, ponderou-se a questão da nomenclatura/terminologia a atribuir a cada tipo. Para este efeito recorreu-se à recolha bibliográfica e documental (não foi efectuada consulta primária de fontes) relativa à terminologia histórica respeitante a objectos cerâmicos, com base em alguns estudos e colectâneas de referência (BRAGA, 2011; FERNANDES, 2012; FREIRE, 2001; GOMES, 1996; RIBEIRO, 1987; TORRES, GÓMEZ, FERREIRA, 2003). Foi igualmente considerada a prática arqueológica, ou seja, foram considerados os termos utilizados pelos arqueólogos/autores nos textos publicados para referenciar os diversos recipientes cerâmicos. A este respeito refira-se que, nos 49 títulos bibliográficos que constituíram a fonte de informação para o presente trabalho, não é proposta ou fundamentada uma terminologia específica e que, conseqüentemente, são utilizados termos distintos para designar o mesmo tipo de recipiente e o mesmo termo para designar recipientes distintos, quer a nível morfológico, quer a nível funcional.

Assim, foram recolhidos todos os termos: a) presentes na já mencionada bibliografia de referência relativa a terminologia aplicada a objectos cerâmicos, com base em fontes escritas e b) utilizados pelos arqueólogos/autores das 54 referências bibliográficas que constituíram a fonte de informação para o presente trabalho.

Para estes termos foi efectuada pesquisa de significação (com recurso a diversos dicionários de referência da língua portuguesa: BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1949-59; *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia de Ciências*, 2001) e pesquisa etimológica, com recurso a dicionário etimológico (MACHADO, 1987). Desta forma procurou-se determinar o significado, tanto quanto possível, original dos termos, bem como a sua origem e antiguidade linguística.

Relativamente à determinação da antiguidade dos termos, recorreu-se igualmente aos estudos e colectâneas de referência já mencionados (BRAGA, 2011; FERNANDES, 2012; FREIRE, 2001; GOMES, 1996; RIBEIRO, 1987; TORRES, GÓMEZ, FERREIRA, 2003), uma vez que estes também contêm abundantes referências documentais. Salienta-se o estudo de Isabel Fernandes (2012) que referencia terminologia cerâmica num conjunto muito alargado de documentos, determinando a sua utilização em épocas concretas (num total de dezassete documentos, posturas, taxas e regimentos de oleiros, datados entre os séculos XII e XVIII) (FERNANDES, 2012, Parte I, Tabela 44, p. 281). Assumem particular relevância os regulamentos municipais relacionados com a olaria, nas suas vertentes de produção e comercialização.

Na selecção da terminologia a utilizar nesta *Tipologia*, privilegiaram-se os termos que nos vários dicionários remetiam para um recipiente cerâmico com uma determinada morfologia e funcionalidade e cuja utilização remonta, pelo menos, ao século XV.

Do conjunto de termos recolhidos, várias questões se levantam, como por exemplo a existência de regionalismos, ou seja, termos utilizados apenas numa região específica. Em algumas fontes, relativos a grupos socio-económicos elevados (como os livros de receitas ou os inventários de herança, por exemplo), são referidos objectos de luxo ou de consumo restrito que poderão ter uma ocorrência muito residual em contexto arqueológico. Verificou-se também que estão referenciados muitos termos cujo “objecto-significante” se desconhece. Noutros casos, consideraram-se alguns termos sinónimos.

3. Tipologia: proposta

Apesar destas dificuldades, da pesquisa efectuada, resultou um conjunto de 37 termos que designam 37 “tipos” cerâmicos, das três produções referidas, de Época Moderna, utilizados na cidade de Lisboa que constituem a *Tipologia: tabela* (Tabela 1). Esta tabela integra objectos cerâmicos, distribuídos pelas funcionalidades de cerâmica de cozinha, cerâmica de mesa, cerâmica de armazenamento e transporte, cerâmica de uso higiénico, cerâmica de iluminação, cerâmica utilizada em actividades lúdicas e cerâmica para outros usos de âmbito doméstico.

Grupo Funcional/Produção	Cerâmica Comum	Cerâmica Vidrada	Cerâmica fina
Cozinha	Alguidar	Alguidar	
	Almofariz		
	Panela	Panela	
	Fogareiro		
	Frigideira	Frigideira	
	Tacho	Tacho	
	Testo		
	Trempe		
Mesa			Açucareiro
	Bilha	Bilha	Bilha
	Caneca		
	Escudela	Escudela	
	Infusa	Infusa	
	Jarrinha		
	Prato	Prato	Prato
	Púcaro		Púcaro
	Salseira/Saleiro		
	Tigela	Tigela	
	Taça de Pé Alto		Taça de Pé Alto
		Tampa	
Armazenamento e Transporte		Boião	
	Cântaro	Cântaro	
	Cantil		
	Pote		
	Talha	Talha	
	Botija		
Barril			
Higiene	Servidor	Servidor	Servidor
Iluminação	Candeeiro	Candeeiro	Candeeiro
	Candeia		
Lúdica	Brinco	Brinco	
	Apito		Apito
	Pedra de Jogo		
Outros	Recipiente de Medida		
	Sino		Sino
	Mealheiro		
	Jarra		

Tabela 1 - Cerâmica Moderna de Lisboa | *Tipologia: tabela*.

Após o estabelecimento da *Tipologia: tabela* (Tabela 1) com os termos seleccionados, revisitaram-se as fontes bibliográficas que forneceram objectos cerâmicos, íntegros ou quase, de Época Moderna. Estes foram reclassificados de acordo com a terminologia agora proposta.

Sempre que adequado, foram propostas novas bazilas cronológicas para as peças. Considerou-se o sítio arqueológico (entre os 45 sítios com acervos cerâmicos de Época Moderna publicados) onde foi recolhida cada peça, de forma a aferir a dispersão e a frequência de representação de cada tipo/produção. Salienta-se que não se pode considerar esta uma abordagem estatística sobre a frequência de cada tipo. Ponderou-se apenas a presença/ausência nos 45 sítios arqueológicos abrangidos pelo presente estudo, para avaliar, muito genericamente, quais os tipos/produções mais ou menos comuns no registo arqueológico estudado e publicado da cidade de Lisboa.

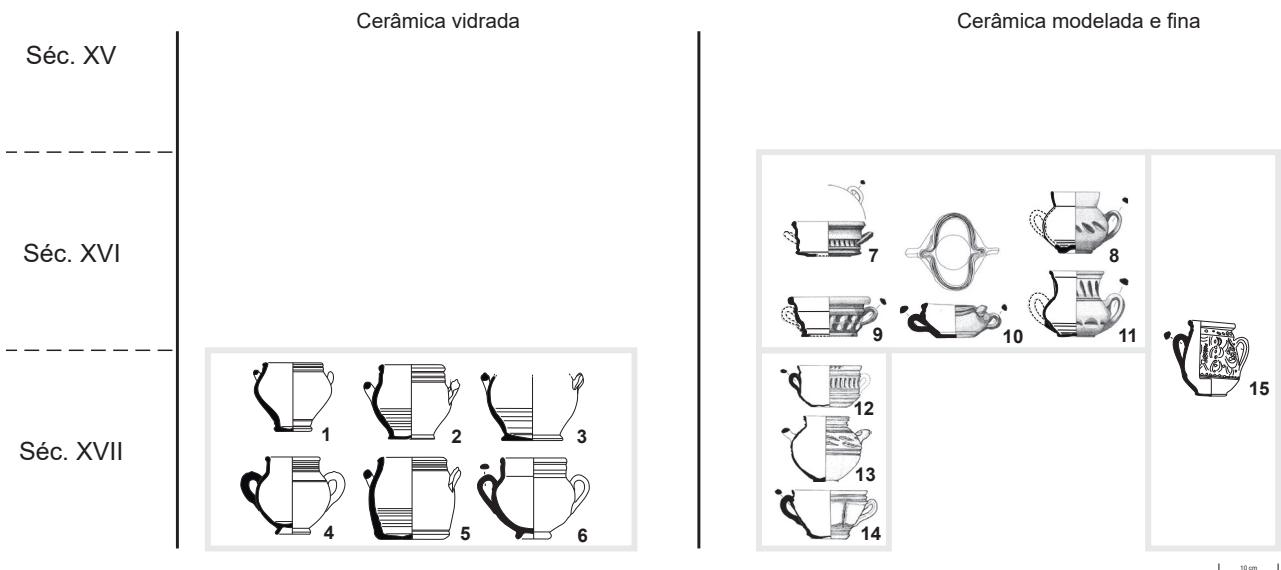
Uma análise estatística só seria possível se as colecções cerâmicas tivessem sido estudadas e contabilizadas

uniformemente, o que não se verifica. Aliás, em muito poucos casos são fornecidos quaisquer elementos sobre as frequências relativas de cada produção/tipo.

Por fim, foi elaborada uma ficha tipológica para cada um dos 37 “tipos” cerâmicos definidos, contemplando: designação, função, forma, morfologia (variantes morfológicas), produções (em que o tipo surge representado; sempre que existe informação disponível, é também referida a existência do mesmo objecto em materiais não cerâmicos), etimologia e referências escritas (procurando referir a indicação cronológica mais antiga de que se dispõe), outras designações (termos considerados sinónimos, referidos na documentação coeva e/ou utilizados na bibliografia arqueológica) e ocorrência (percentagem de sítios, dos 45 representados no estudo, em que o tipo ocorre).

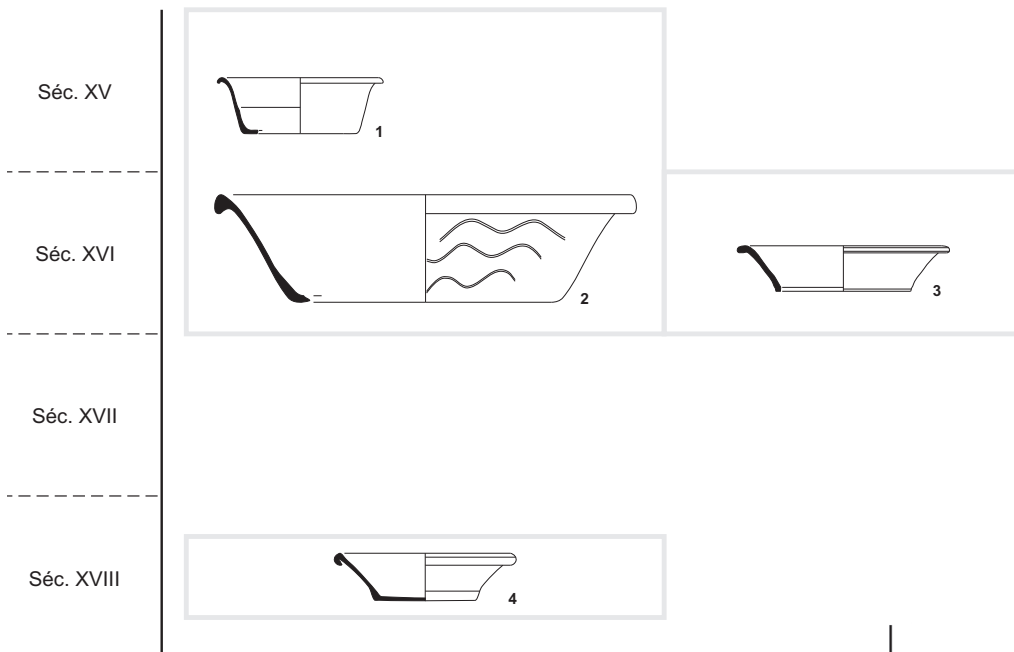
Fichas tipológicas
(ordenadas alfabeticamente por tipo)

Designação	Açucareiro
Função	Usado para servir à mesa e armazenar doces, compotas, mel e açúcar. Utilizado colectivamente. Poderia igualmente ter função decorativa.
Forma	Recipiente de pequena dimensão, envasado ou de tendência bojuda e, por vezes, com pequeno colo e ligeiramente fechado; geralmente com duas asas.
Morfologia	Apresenta bordos boleados ou rectos, alguns dos quais com aba exterior. Mostra paredes rectas, por vezes hemisféricas, geralmente com duas asas verticais, existindo algumas variantes que oferecem asas horizontais, e assentam em base plana. Do ponto de vista decorativo apresentam motivos efectuados através de estampilhagem e de digitação simples, tanto pelo interior como pelo exterior, formando frisos com linhas de ônfalos no corpo da peça, ou ainda, através da combinação de ambos, originando uma deformação na peça através da pressão dos dedos contra a parede. Por vezes, apresenta também uma banda com incisões oblíquas efectuada através do mesmo processo de pressão de um instrumento pelo exterior, assim como, bandas com incisões horizontais, com recurso a instrumento por incisão/pressão.
Produções	Cerâmica comum, modelada e vidrada.
Etimologia e referências documentais	O termo provém do árabe; surge na documentação escrita desde o século XVI.
Outras designações	Boião, potinho e taça.
Ocorrência	Referido em 11% dos sítios.
Observações	Para a descrição da decoração consultou-se principalmente SANTOS, 2008, pp. 325-345.
Figura 1	Referências: Cerâmica vidrada: 1.1. – 1.6. (Convento de São Francisco) (TORRES, 2011) Cerâmica modelada: 1.7. – 1.14. (Edifício do Aljube/Rua Augusto Rosa) (SANTOS, 2008) e 1.15. (Convento de Santana) (GOMES et alii, 2013).

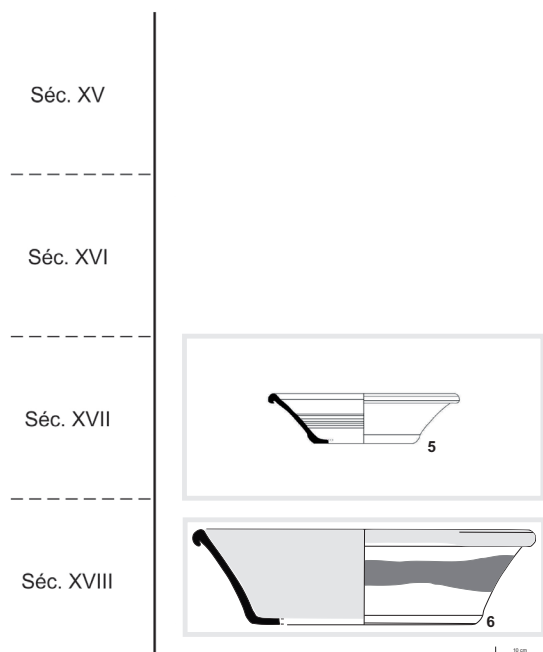


Designação	Alguidar
Função	Usado na cozinha, na lavagem e preparação dos alimentos. Utilizado igualmente na higiene pessoal.
Forma	Recipiente de pequena, média ou grande dimensão, de forma troncocónica aberta (diâmetro de bordo muito superior ao diâmetro de fundo e à altura); fundo plano.
Morfologia	Apresenta bordo extrovertido, demarcado exteriormente, com lábio em voluta, de secção semicircular; paredes mais ou menos oblíquas; assenta em base plana, por vezes, demarcada na superfície externa.
Produções	Cerâmica comum, por vezes, com decoração incisa na superfície externa, nomeadamente, com motivos ondulantes, ou com engobes e motivos decorativos compostos por linhas concêntricas. Cerâmica vidrada em tons de verde e melado.
Etimologia e referências documentais	O termo provém do árabe e surge, muito frequentemente, na documentação escrita desde o século XVI.
Outras designações	Almofia e bacia.
Ocorrência	Referido em 60% dos sítios.
Figura 2	Referências: Cerâmica comum: 2.1. – 2.2. (Castelo de São Jorge – Palácio do Governador) (GASPAR <i>et alii</i> , 2009); 2.3. (Rua dos Correiros, n.º 69-71/Sondagem 25 (DIOGO, TRINDADE, 2000a) e 2.4. (Rua dos Correiros, 70C-92 / Sondagem 14) (TRINDADE, DIOGO, 2003b) Cerâmica vidrada: 2.5. (Convento de São Francisco) (TORRES, 2011) e 2.6. (Travessa da Madalena, 18) (TRINDADE, DIOGO, 1997).

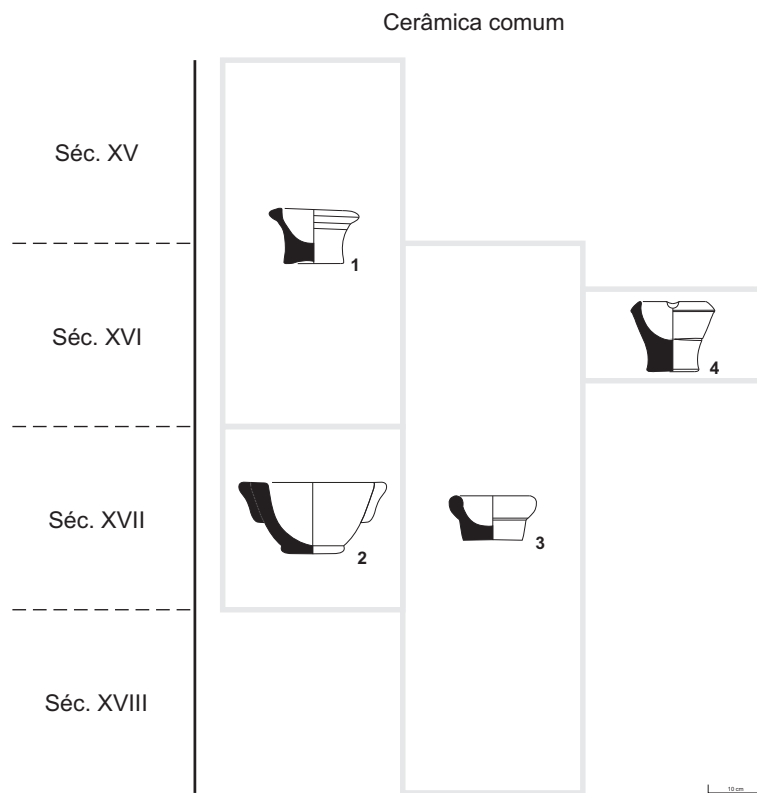
Cerâmica comum



Cerâmica vidrada



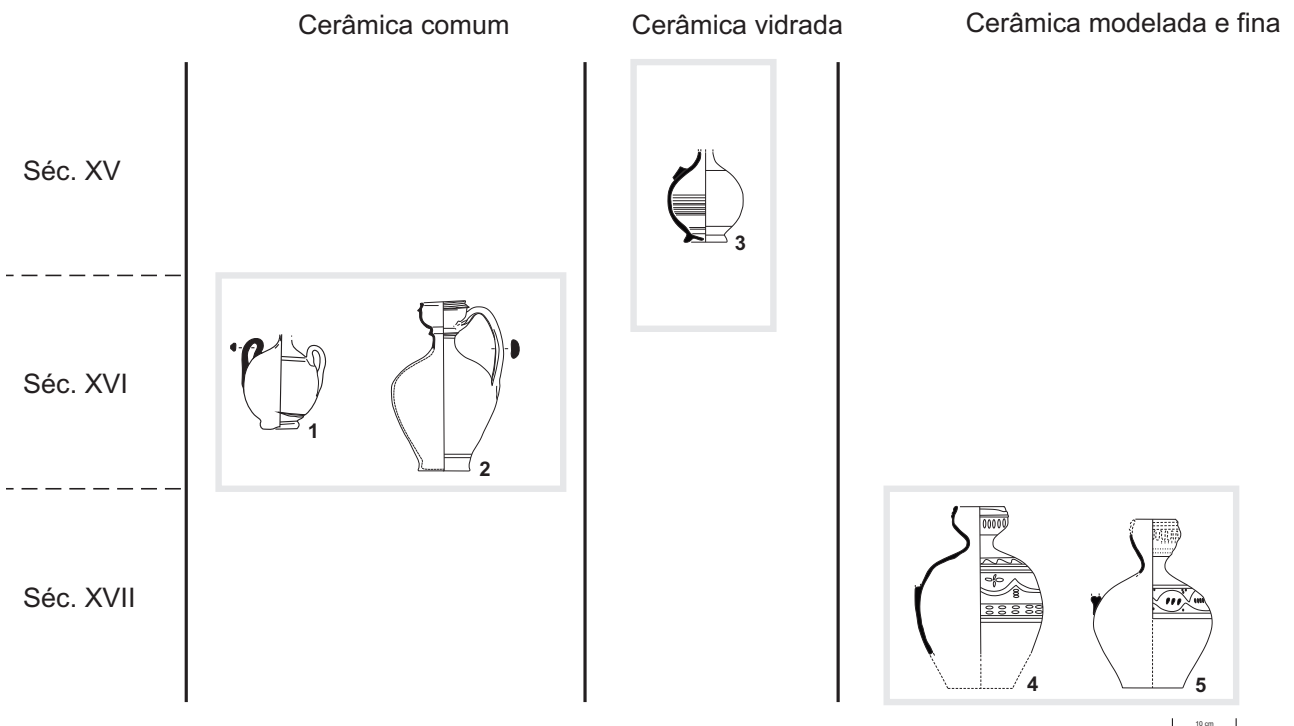
Designação	Almofariz
Função	Usado na cozinha para pisar ou triturar alimentos sólidos/duros com um pilão. Recipiente de botica para pisar ou triturar substâncias medicinais.
Forma	Recipiente de tamanho pequeno ou médio, de forma aberta, base plana, espessa e maciça; por vezes apresenta duas asas.
Morfologia	Apresenta bordo triangular ou rectilíneo, na maior parte dos casos, extrovertido, demarcado exterior e, por vezes, interiormente, com lábio de perfil semicircular ou triangular. Assenta em base plana e espessa, nalguns casos demarcada na superfície externa. Alguns exemplares mostram estrias na parede interna e ainda bico para verter o preparado, assim como pegas/asas ao nível do bordo e parte superior do corpo.
Produções	Cerâmica comum, madeira, metal, pedra e vidro.
Etimologia e referências documentais	O termo provém do árabe, por via do castelhano e surge na documentação escrita desde o século XIV.
Outras designações	Alguidar de pedra (?) e gral.
Ocorrência	Referido em 9% dos sítios.
Figura 3	Referências: Cerâmica comum: 3.1. (Castelo de São Jorge – Palácio do Governador) (GASPAR <i>et alii</i> , 2009); 3.2. (Largo do Chafariz de Dentro) (SILVA <i>et alii</i> , 2012); 3.3. (Quarteirão dos Lagares) (NUNES, FILIPE, 2012) e 3.4. (Rua José António Serrano) (SILVA, GUINOTE, 1998).



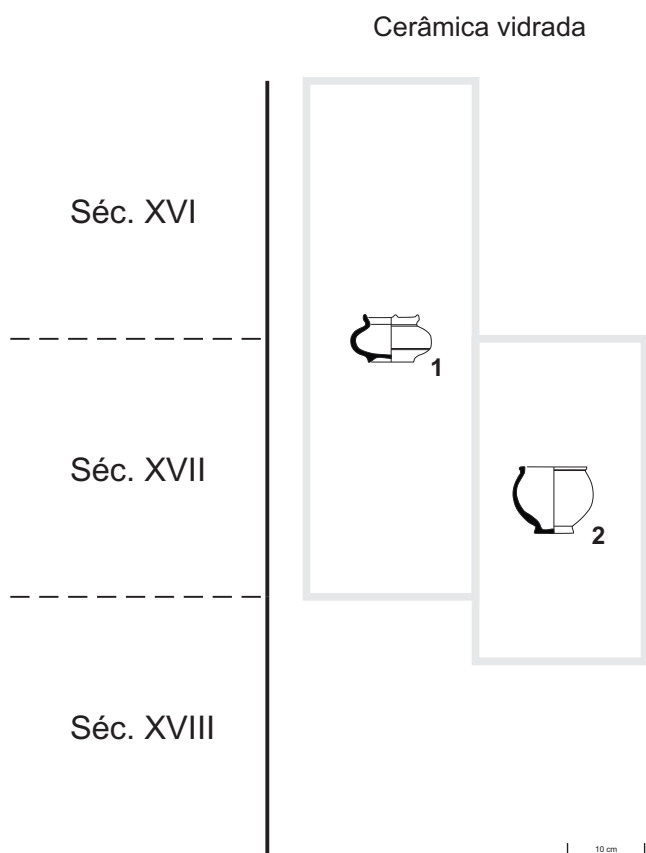
Designação	Apito
Função	Utilizado em actividades lúdicas ou artísticas (musicais); para assinalar sonoramente um chamamento.
Forma	Pequeno objecto de forma fechada, oval, por vezes adquirindo forma figurativa (de pássaro ou cavalo, por exemplo); possui orifícios e bico tubular, funcionais.
Morfologia	Mostra feição oval ou globular, de iconografia zoomórfica. Normalmente a parte superior dos exemplares mostra a forma figurativa de um animal (pássaro, cavalo, etc.), assente em pé de bolacha ou anel.
Produções	Cerâmica comum e vidrada.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem onomatopaica e surge na documentação pelo menos desde o século XV.
Outras designações	Assobio, buzina e ocarina.
Ocorrência	Referido em 4% dos sítios.
Observações	Não foi possível relacionar este termo (nem as outras designações) com a forma. O exemplar incluído na <i>Tipologia: estampa</i> (figura 31) resulta da montagem livre entre duas peças fragmentadas recolhidas no Largo do Chafariz de Dentro, em Lisboa (SILVA <i>et alii</i> , 2012).
Figura	Figura 31.

Designação	Barril
Função	Usado para armazenar alimentos líquidos.
Forma	Recipiente de tamanho médio ou grande de forma fechada. Corpo oval ou piriforme e base plana.
Morfologia	Apresenta bordos curtos, extrovertidos, espessados e demarcados exteriormente, com lábios de secção semicircular; o corpo apresenta feição piriforme ou tulipiforme; ostenta duas asas simétricas muito elevadas e assenta em base plana.
Produções	Cerâmica comum e madeira.
Etimologia e referências documentais	Termo de origem obscura; terá origem medieval e surge na documentação desde o século XVI.
Outras designações	Pote e bilha.
Ocorrência	Referido em 4% dos sítios.
Observações	Este “tipo” não se encontra morfológicamente definido ou estabilizado na produção bibliográfica arqueológica. Na bibliografia sobre cerâmica moderna de Lisboa, não se encontra ilustrado qualquer barril, completo ou quase. Assim, o exemplar incluído na <i>Tipologia: estampa</i> (figura 31) foi recolhido em Ria de Aveiro B (ALVES <i>et alii</i> , 1998).
Figura	Figura 31.

Designação	Bilha
Função	Usado para servir à mesa e armazenar alimentos líquidos. Na mesa, de uso colectivo.
Forma	Recipiente de tamanho pequeno ou médio, de forma fechada, corpo globular, colo, boca ou gargalo estreito, com uma ou duas asas.
Morfologia	Apresenta, nalguns casos, bordo ligeiramente extrovertido, demarcado exteriormente e lábio de secção semicircular. Ostenta bordo de feição acampanada sobre colo estreito e alto. O corpo tem feição globular ou piriforme. Assenta em base plana, nalguns casos com fundo em pé de bolacha ou anel.
Produções	Cerâmica comum, modelada e vidrada.
Etimologia e referências documentais	O termo provém do árabe, por via do castelhano (eventualmente do franco); surge na documentação escrita desde o século XII.
Outras designações	Alcarraza, garrafa, gorgoleta e redoma.
Ocorrência	Referido em 36% dos sítios.
Figura 4	Referências: Cerâmica comum: 4.1. (Martim Moniz) – 4.2. (Casa dos Bicos) (SILVA, GUINOTE, 1998) Cerâmica vidrada: 4.3. (Castelo de São Jorge – Palácio do Governador) (GASPAR, GOMES, 2012) Cerâmica modelada: 4.4. – 4.5. (Convento de São Francisco) (RAMALHO, FOLGADO, 2002).



Designação	Boião
Função	Usado para armazenar e servir à mesa alimentos semi-sólidos (conservas, doces, compotas, molhos). Utilizado à mesa colectivamente. Recipiente de botica (para conter pomadas).
Forma	Recipiente de pequena dimensão, de forma fechada, corpo globular; assenta em base plana ou pé anelar.
Morfologia	Apresenta bordo extrovertido, demarcado exteriormente, boca larga, com corpo de feição hemisférica; assenta em pé anelar e destacado.
Produções	Cerâmica vidrada, faiança, porcelana e vidro.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem eventualmente asiática; surge na documentação escrita desde o século XVI.
Outras designações	Potinho.
Ocorrência	Referido em 4% dos sítios.
Observações	Parece ser uma forma de Época Moderna sem antecedentes formais conhecidos.
Figura 5	Referências: Cerâmica vidrada: 5.1. – 5.2. (Convento de São Francisco) (TORRES, 2011).

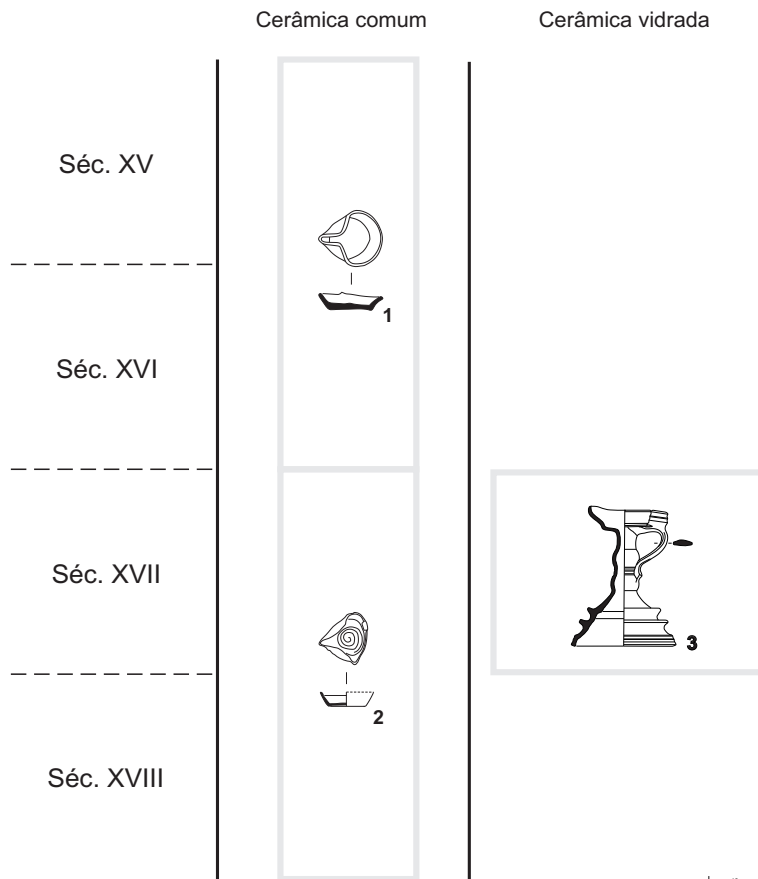


Designação	Botija
Função	Usado para armazenar e transportar alimentos líquidos ou conservados em ambiente líquido. Tratar-se-ia de um recipiente destinado ao transporte marítimo de longo curso, logo, relacionado com a comercialização do seu conteúdo.
Forma	Recipiente fechado de tamanho médio. Boca estreita, colo curto, corpo bojudo e fundo indiferenciado.
Morfologia	Os bordos apresentam secções triangulares ou ovais, com ou sem lábio extrovertido pendente, demarcado exteriormente; a feição do corpo também varia entre formas ovóides alongadas, globulares/arredondadas terminando em base redonda ou, por vezes, formas oblongas terminado em base pontiaguda. Ao longo das peças é possível visualizarmos carenas ligeiramente pronunciadas. A tipologia dos bordos, conjugada com a forma das paredes, permite classificar cronologicamente os exemplares (GOGGIN, 1960; MARKEN, 1994; AVERY, 1997).
Produções	Cerâmica comum.
Etimologia e referências documentais	O termo provém do latim e surge na documentação pelo menos desde o século XVII (SOUSA, 2011).
Outras designações	Anforeta, <i>botijuela</i> , <i>olive jar</i> e <i>peruleira</i> .
Ocorrência	Referido em 4% dos sítios.
Observações	Não está documentada a produção local desta forma, mas esta considera-se provável. Poderia designar uma medida. Na bibliografia sobre cerâmica moderna de Lisboa, não se encontra ilustrada qualquer botija, completa ou quase. Assim, o exemplar incluído na <i>Tipologia: estampa</i> (figura 31) foi recolhido em Ria de Aveiro B (ALVES <i>et alii</i> , 1998; COELHO, 2012). Trata-se de um exemplar importado, possivelmente proveniente das oficinas do sul de Espanha (ALVES <i>et alii</i> , 1998, p. 200; COELHO, 2012, p. 763; LOUREIRO, MARTINHO, 2009).
Figura	Figura 31.

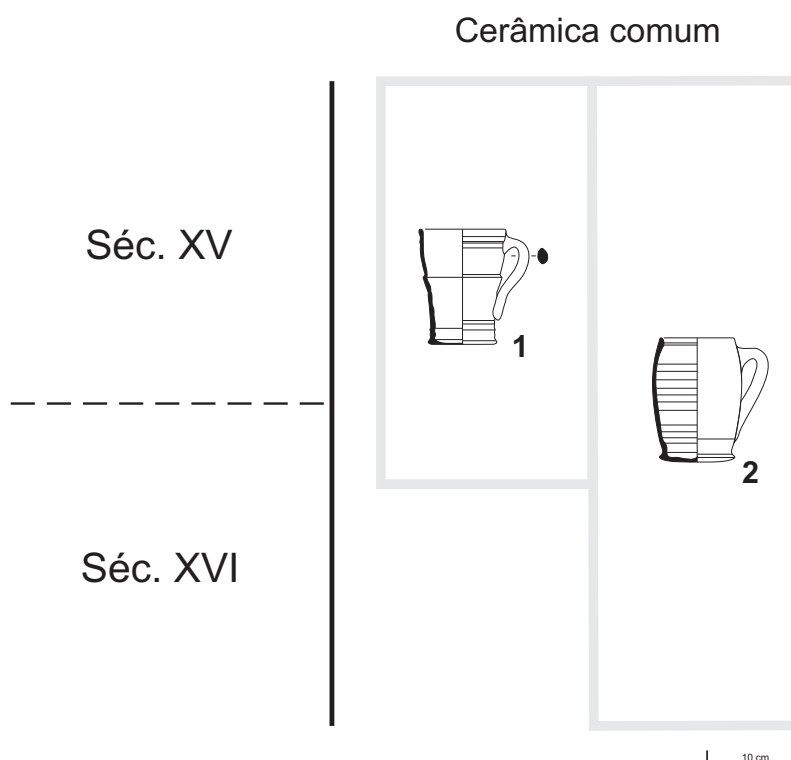
Designação	Brinco
Função	Miniaturas de recipientes cerâmicos utilizadas em actividades lúdicas pelas crianças. Miniaturas de recipientes cerâmicos (e outros objectos) utilizados como adorno pessoal (pendentes por meio de fita) ou com função decorativa doméstica (VASCONCELOS, 1921, p. 29).
Forma	Diversas, reproduzindo recipientes cerâmicos de utilização doméstica.
Morfologia	Replica os objectos em tamanho real.
Produções	Cerâmica comum e vidrada.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no germânico e surge na documentação escrita desde o século XVI. O termo – “púcaros brinquinhos” – é usado com este significado até ao século XX (VASCONCELOS, 1921, p. 16).
Outras designações	Boneco, brinquedo, figura e miniatura.
Ocorrência	Referido em 11% dos sítios.
Observações	Não foi possível determinar de forma inequívoca a terminologia de época para estes objectos. Existe referência à produção de louça de pequena dimensão para brincar, no século XIV, em Évora (<i>apud</i> VASCONCELOS, 1921; LIBERATO, 2012, p. 26; SOUSA, 2011, p. 522). Os exemplares incluídos na <i>Tipologia: estampa</i> (figura 31) foram recolhidos na Rua de São Pedro Mártir/ Calçada de São Lourenço, em Lisboa (DIOGO, TRINDADE, 1999).
Figura	Figura 31.

Designação	Candeeiro
Função	Utilizado na iluminação dos espaços domésticos.
Forma	Objecto de pequena/média dimensão, com depósito assente em haste e base plana.
Morfologia	Apresenta depósito para combustível com pequeno bico para pavio (em forma de candeia); haste cilíndrica estreita e alta com caneluras; asa que se desenvolve entre o depósito e zona mesial da haste; assenta em base troncocónica, oca e plana, decorada com sulcos e caneluras pronunciadas.
Produções	Cerâmica comum, fina, vidrada e metal.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no latim e surge na documentação escrita desde o século XIV.
Outras designações	Candeia de pé, candelabro, castiçal, palmatória e tigela de iluminação.
Ocorrência	Presente em 4% dos sítios.
Observações	O exemplar incluído na <i>Tipologia: estampa</i> (figura 31) foi recolhido na Casa dos Bicos, em Lisboa.
Figura 6	Referências: Cerâmica vidrada 6.3. (Casa dos Bicos).

Designação	Candeia
Função	Iluminação (com recurso a azeite ou outro óleo combustível).
Forma	Recipiente de pequena dimensão, de forma aberta; pequeno bico (por onde sai o pavio) e base plana.
Morfologia	Recipiente baixo, assente em fundo circular. As paredes são côncavas e encimadas por um lábio extrovertido. O bordo apresenta-se lobado num dos lados, formando um bico de formato triangular.
Produções	Cerâmica comum, nalguns casos, com decoração interna composta por motivos de círculos concêntricos e em metal.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no latim e surge na documentação escrita desde o século XII.
Outras designações	Lamparina e lucerna.
Ocorrência	Presente em 20% dos sítios.
Observações	Na documentação, surge a referência a "candeia de gravato", que possuía um pequeno cabo para suspensão na parede ou tecto.
Figura 6	Referências: Cerâmica comum: 6.1. (Castelo de São Jorge – Palácio do Governador) (GASPAR <i>et alii</i> , 2009) e 6.2. (Quarteirão dos Lagares) (NUNES, FILIPE, 2012).



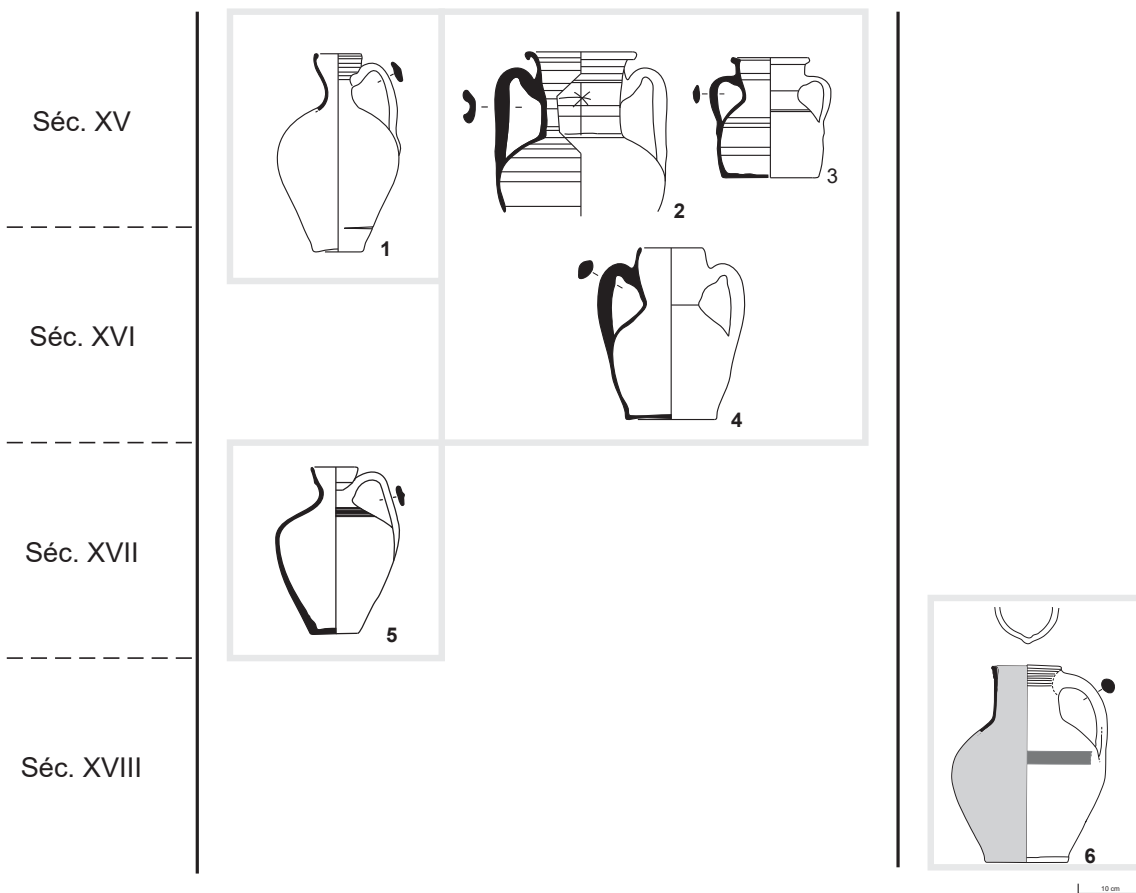
Designação	Caneca
Função	Usada para servir à mesa/beber alimentos líquidos; de utilização individual.
Forma	Recipiente de pequena dimensão, de forma cilíndrica, por vezes de tendência bojuda, ou troncocónica (ligeiramente aberta), com uma asa e base plana.
Morfologia	Apresenta bordo demarcado exterior e interiormente, com lábio de secção semicircular, corpo de tendência cilíndrica, que assenta em base plana e tem uma asa que se desenvolve entre o bordo e o início da base. Do ponto de vista decorativo pode apresentar caneluras na zona do bordo, parede e base.
Produções	Cerâmica comum e madeira.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no latim e só surge na documentação escrita no século XIX.
Outras designações	Copo e púcaro.
Ocorrência	Presente em 22% dos sítios.
Observações	O termo que identifica este tipo não tem suporte nas fontes escritas. É possível que este objecto fosse designado como "copo" ou "púcaro".
Figura 7	Referências: Cerâmica comum: 7. 1. (Socorro) (SILVA, GUINOTE, 1998) e 7.2. (Castelo de São Jorge – Palácio do Governador) (GOMES <i>et alii</i> , 2009).



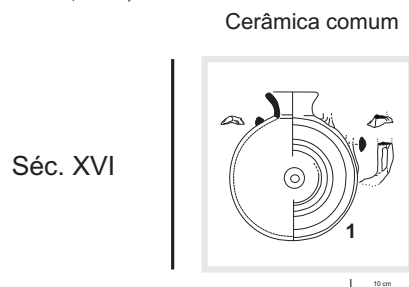
Designação	Cântaro
Função	Usado para armazenar alimentos líquidos.
Forma	Recipiente de médias e grandes dimensões, forma fechada de tendência bojuda ou ovóide, colo estreito e bordo extrovertido, com duas asas e base plana.
Morfologia	Apresenta bordo introvertido, demarcado interior e/ou exteriormente, canelado, com lábio de secção semicircular. Por vezes apresenta bordo ligeiramente extrovertido, estrangulado no colo. Colo estreito; corpo ovóide ou bojudo; tem geralmente duas asas (mas pode apresentar apenas uma) que, normalmente parte/m do bordo até ao ombro/meio do corpo e assenta em base plana.
Produções	Cerâmica comum e vidrada. Alguns exemplares (Fig. 8.6) quando vidrados podem apresentar-se totalmente revestidos na superfície interna apresentando na superfície externa uma faixa branca pintada na zona do corpo.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no grego e surge, muito frequentemente, na documentação escrita desde o século XVI.
Outras designações	Bilha e pote.
Ocorrência	Presente em 24% dos sítios.
Observações	Com frequência é referido que o cântaro era coberto com testo ou prato pequeno, sobre o qual se depositava o púcaro (FERNANDES, 2012, p. 346).
Figura 8	Referências: Cerâmica comum: 8.1. (Praça da Figueira) e 8.5. (Largo de Santo António) (SILVA, GUINOTE, 1998); 8.2. – 8.4. (Castelo de São Jorge – Palácio do Governador) (GASPAR <i>et alii</i> , 2009) Cerâmica vidrada: 8.6. (Praça da Figueira) (SILVA, GUINOTE, 1998).

Cerâmica comum

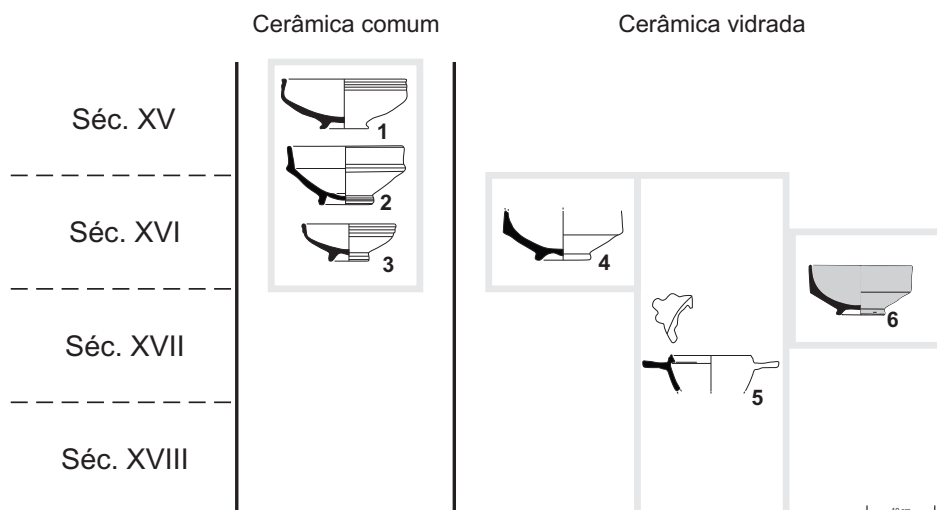
Cerâmica vidrada



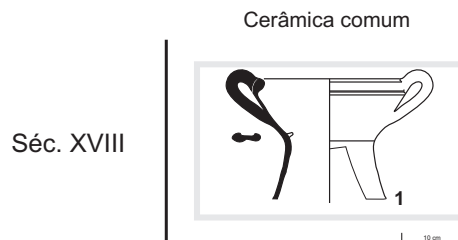
Designação	Cantil
Função	Usado para armazenar/transportar água e outros líquidos durante deslocações. Utilização individual.
Forma	Recipiente de pequena ou média dimensão, de forma fechada, redonda e achatada, colo/gargalo curto e estreito, com duas asas.
Morfologia	Apresenta bordo extrovertido, demarcado exteriormente, com lábio de secção semicircular; o corpo apresenta feição circular e achatada, dispondo de duas asas simétricas que se posicionam imediatamente abaixo do bordo.
Produções	Cerâmica comum.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no grego (?) e surge na documentação escrita desde o século XVI.
Outras designações	Cantimplora, bilha e gorgoleta.
Ocorrência	Presente em 7% dos sítios.
Observações	Recipiente portátil. "... às vezes ao sair o ar na estreiteza do cano se formam uns zunidos altos e baixos, com tons alegres e tristes de que se originou a palavra, como se dissera em latim: <i>cantat et plorat</i> (canta e chora)" (BLUTEAU, 1712-1728).
Figura 9	Referências: Cerâmica comum: 9.1. (Praça da Figueira / Hospital Real de Todos-os-Santos) (SILVA, GUINOTE, 1998).



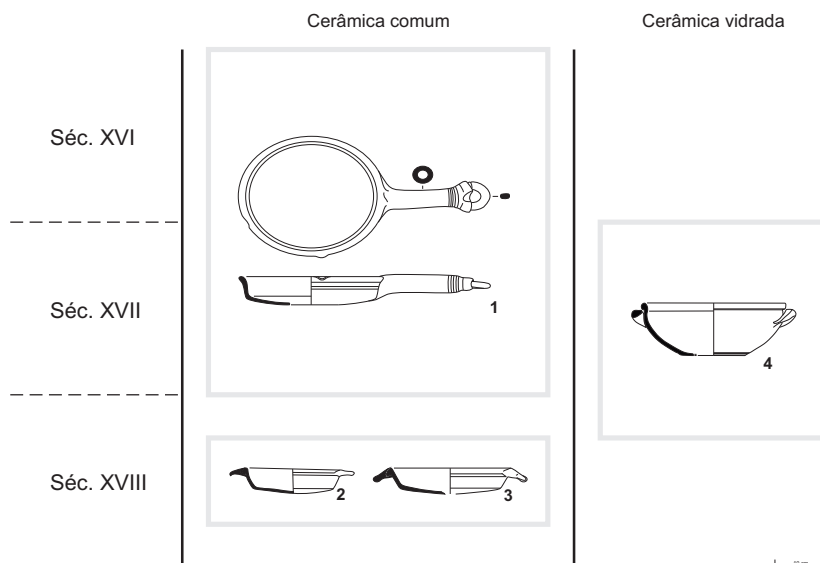
Designação	Escudela
Função	Usado para servir à mesa/comer alimentos sólidos ou semi-sólidos, de utilização individual.
Forma	Recipiente de pequena dimensão, de forma aberta e carenada, nalguns casos com duas pegas; fundo em ônfalo, por vezes sugerindo um anel.
Morfologia	Apresenta bordo recto, por vezes introvertido, demarcado interior e exteriormente, com lábio de secção rectangular. Apresenta corpo carenado e fundo demarcado em ônfalo ou em anel. Pode apresentar-se sem pegas ou duas pegas horizontais recortadas em forma de trevo.
Produções	Cerâmica comum e vidrada, faiança e madeira.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no latim e surge na documentação escrita desde o século XIII.
Outras designações	Malga, taça, tigela e tigela carenada.
Ocorrência	Presente em 9% dos sítios.
Observações	Aparentemente, este termo referia-se originalmente a recipientes em madeira. É uma forma aparentemente inspirada na loiça dita "malegueira".
Figura 10	Referências: Cerâmica comum: 10.1. e 10.3. (Rua de São Marçal) (GASPAR, AMARO, 1997); 10.2. (Rua do Benfornoso, 168-186) (MARQUES, LEITAO, BOTELHO, 2012) Cerâmica vidrada: 10.4. (Largo do Terreiro do Trigo) (GONZALEZ, 2012); 10.5. (Quarteirão dos Lagares) (NUNES, FILIPE, 2012) e 10.6. (Casa dos Bicos) (SILVA, GUINOTE, 1998).



Designação	Fogareiro
Função	Usado para cozinhar. Utilizado também como recipiente de aquecimento ambiental.
Forma	Recipiente de média dimensão, de forma aberta; constituído por um corpo superior (aberto para conter as brasas que pode apresentar no bordo apêndices para sustentar a panela, tacho ou frigideira), separado por grelha de um corpo inferior (onde se depositam as cinzas).
Morfologia	O corpo superior apresenta bordo espessado e introvertido, demarcado interior e exteriormente com lábio de secção semicircular, paredes convexas e angulosas, até à grelha; corpo inferior alto, de formato troncocónico que ostenta abertura de forma trapezoidal para limpeza de cinzas.
Produções	Cerâmica comum.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no latim e surge, muito frequentemente, na documentação escrita desde o século XVI.
Ocorrência	Presente em 18% dos sítios.
Observações	É considerado um recipiente portátil, conservando-se sem grandes variedades em termos formais até à actualidade.
Figura 11	Referências: Cerâmica comum: 11.1. (Rua dos Correiros, 70C-92 / Sondagem 14) (TRINDADE, DIOGO, 2003b).

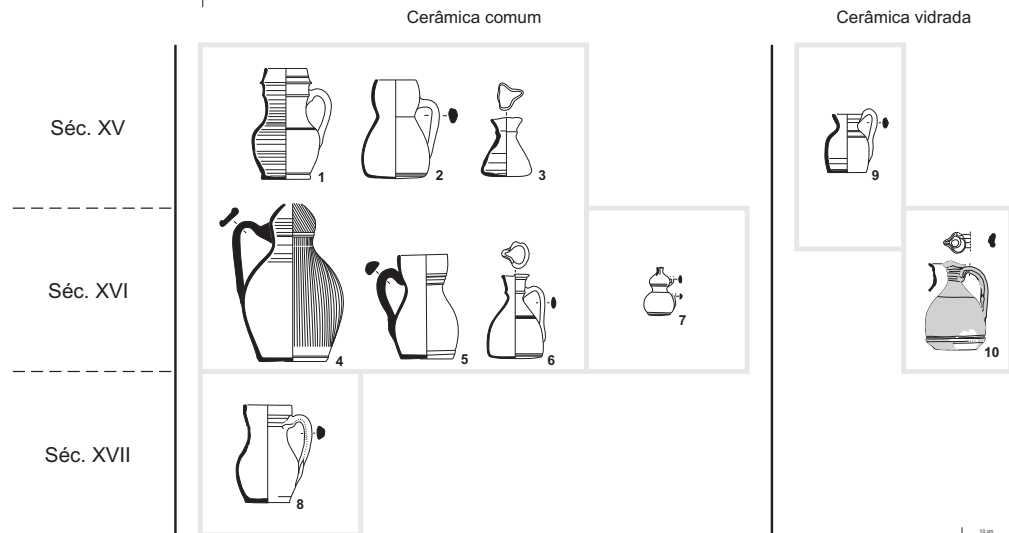


Designação	Frigideira
Função	Usado para cozinhar (fritar) alimentos, em azeite ou banha.
Forma	Recipiente de média dimensão, de forma aberta, pouco funda; fundo convexo; apresenta asa comprida ou, por vezes duas ou quatro asas/pegas.
Morfologia	Apresenta bordo ligeiramente espessado, demarcado exteriormente, lábio curto e de secção semicircular, corpo baixo, paredes ligeiramente extrovertidas e fundo côncavo. Pode ostentar uma única asa, comprida, com orifício semicircular na extremidade (para suspensão) ou duas ou quatro asas/pegas triangulares simétricas que se desenvolvem na zona do bordo.
Produções	Cerâmica comum, vidrada e metal.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no latim e surge na documentação escrita desde o século XVI.
Outras designações	Caçarola, çaçoila e sertã.
Ocorrência	Presente em 44% dos sítios.
Observações	Segundo FERNANDES, 2012, tratava-se de um recipiente metálico com asa comprida. O recipiente correspondente em cerâmica e com duas asas/pegas seria designado "sertã".
Figura 12	Referências: Cerâmica comum: 12.1. (Castelo de São Jorge – Palácio do Governador) (GASPAR <i>et alii</i> , 2009); 12.2. – 12.3. (Rua dos Correiros, 70C-92/Sondagem 14) (TRINDADE, DIOGO, 2003b) Cerâmica vidrada: 12.4. (Quinta de Vila Pouca/Vale de Alcântara) (BATALHA, CARDOSO, 2013).



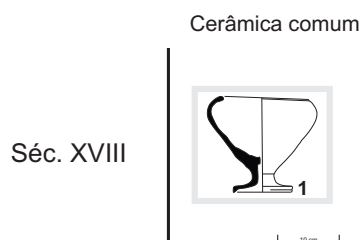
Designação	Infusa
Função	Usado para servir à mesa alimentos líquidos; de utilização colectiva.
Forma	Recipiente de média dimensão, de forma fechada de tendência bojuda ou ovóide; base plana; colo estreito e alongado, bordo de tendência extrovertida; pode ou não apresentar bico vertedor.
Morfologia	Apresenta bordo ligeiramente introvertido, lábio de secção semicircular, boca larga, moldurada na zona inferior; apresenta uma asa que se posiciona no ombro e que se desenvolve até meio do corpo. Outras variantes mostram o colo alto e cilíndrico com caneluras, providas de uma asa que se desenvolve entre o colo e o meio da peça. Noutros casos, pode ainda apresentar o colo curto e com caneluras, bordo estrangulado formando um bico vertedor, asa que se desenvolve do gargalo em direcção ao meio do corpo; assente em base plana. As variantes descritas assentam em base plana.
Produções	Cerâmica comum, vidrada, metal e vidro.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no latim e surge, muito frequentemente, na documentação escrita desde o século XVI.
Outras designações	Albarrada, bilha, cabaça, canjirão, cântaro e jarro.
Ocorrência	Presente em 33% dos sítios.
Observações	Para a descrição da morfologia consultou-se principalmente SILVA, GUINOTE, 1998, pp. 136 e 150.

Figura 13 **Referências:** Cerâmica comum: 13.1. – 13.3. e 13.6. (Castelo de São Jorge – Palácio do Governador) (GASPAR *et alii*, 2009); 13.4. – 13.5. (Rua do Benfornoso, 168-186) (MARQUES, LEITAO, BOTELHO, 2012); 13.7. (Martim Moniz) – 13.8. (Casa dos Bicos) (SILVA, GUINOTE, 1998) | Cerâmica vidrada: 13.9. (Castelo de São Jorge – Palácio do Governador) (GASPAR, GOMES, 2012) e 13.10. (Martim Moniz) (SILVA, GUINOTE, 1998).



Designação	Jarra
Função	Usado para conter flores, com funções decorativas e ornamentais.
Forma	Recipiente de dimensão média, de forma aberta e bordo introvertido; pé alto e destacado.
Morfologia	Apresenta bordo introvertido, demarcado exteriormente, de secção semicircular, corpo troncocónico de feição piriforme; assente em pé destacado, troncocónico e oco com base demarcada exteriormente.
Produções	Cerâmica comum.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no árabe e surge na documentação escrita desde o século XIV.
Outras designações	Vaso para plantas.
Ocorrência	Presente em 2% dos sítios.
Observações	Este termo, que é aplicado pelos medievalistas para recipientes de beber, ao longo da Época Moderna, aparentemente, vai adquirindo o sentido de recipiente de função decorativa e ornamental. Documentou-se apenas um exemplar recolhido na Rua dos Correiros (TRINDADE, DIOGO, 2003b).

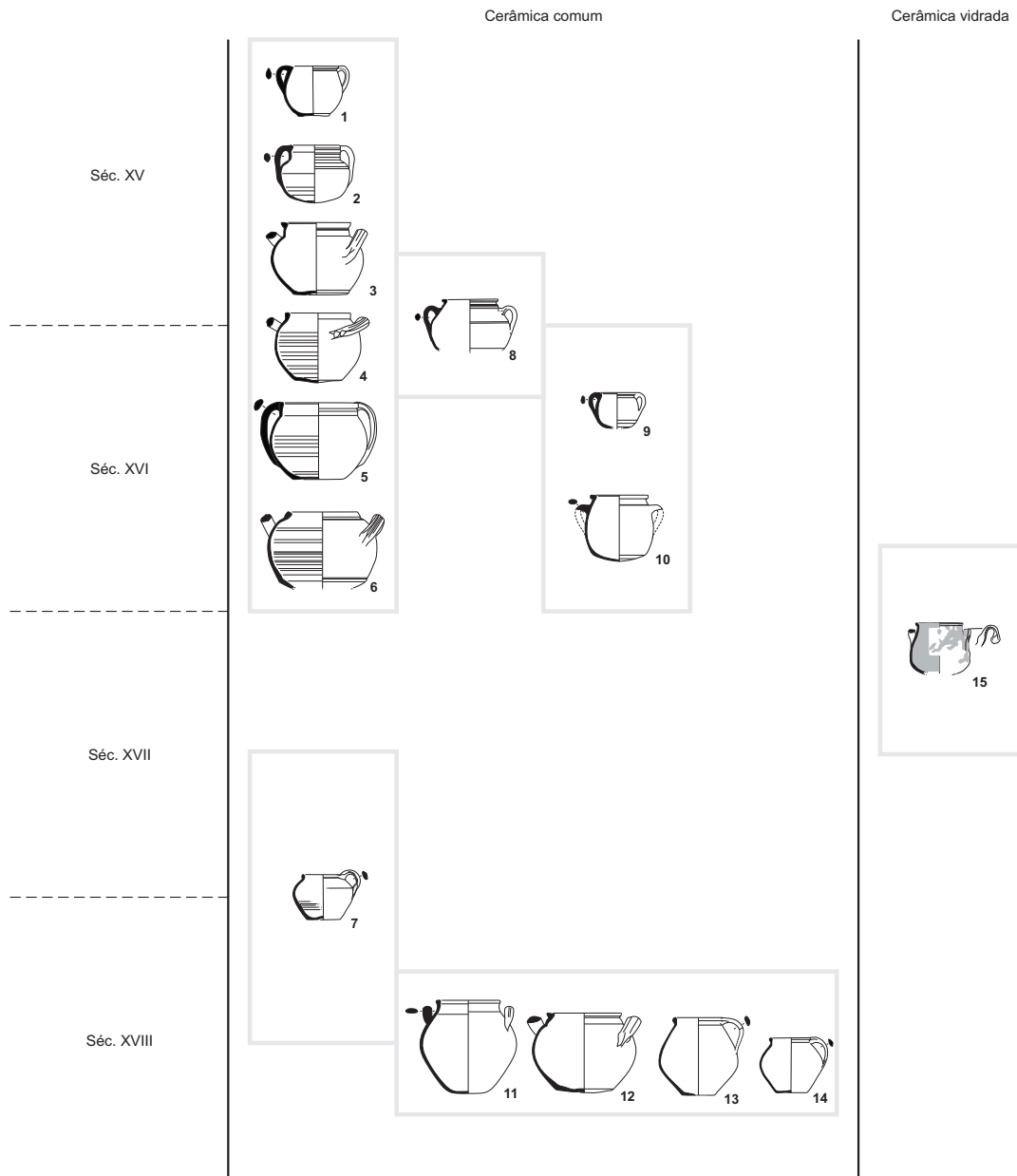
Figura 14 **Referências:** Cerâmica comum: 14.1. (Rua dos Correiros, 70C-92 / Sondagem 14) (TRINDADE, DIOGO, 2003b).



Designação	Panela
Função	Usado para cozinhar alimentos ao lume.
Forma	Recipiente de pequena, média e grande dimensão, de forma fechada, bojuda ou ovóide, colo ligeiramente estreitado, mais ou menos diferenciado; apresenta uma ou duas asas, fundo plano, convexo ou, por vezes côncavo.
Morfologia	Apresenta bordo recto, por vezes, biselado, demarcado na superfície externa, aplanado superiormente, com lábio de perfil subquadrangular ou semicircular; assenta em base plana, por vezes, convexa e angulosa, na sua ligação com o bojo. Pode ostentar apenas uma asa que liga o bordo à zona mesial do corpo, e nalguns casos quase até à base. Geralmente apresenta duas asas torças que se desenvolvem na zona do colo, no sentido horizontal.
Produções	Cerâmica comum, vidrada em tons de melado e metal. Quando vidrada, pode apresentar vestígios deste tratamento na superfície externa e revestimento total na superfície interna.
Etimologia e referências documentais	O termo provém do latim surgindo abundantemente na documentação escrita desde o século XI.
Outras designações	Asado, caldeirão e púcara.
Ocorrência	Presente em 71% dos sítios.
Observações	Com frequência é referido que a panela era coberta com testo (FERNANDES, 2012, p. 346).

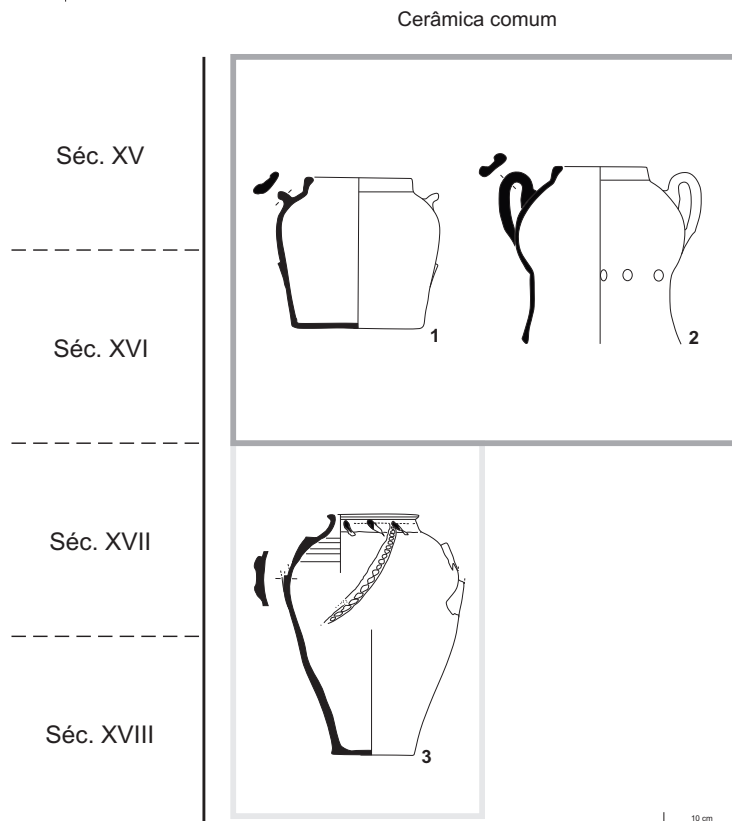
Figura 16

Referências: Cerâmica comum: 16.1. – 16.2. (Castelo de São Jorge – Palácio do Governador) (GASPAR *et alii*, 2009); 16.3 – 16.6. (Rua do Benfornoso, 168-186) (MARQUES, LEITÃO, BOTELHO, 2012); 16.7. (Praça da Figueira / Hospital Real de Todos-os-Santos) (SILVA, GUINOTE, 1998); 16.8. – 16.10. (Rua de São Nicolau, 107-111) (DIOGO, TRINDADE, 2000b); 16.11. (Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros (COELHO, BUGALHAO, 2015); 16.12. (Rua dos Correiros/Rua de Santa Justa / Sondagem 1) (DIOGO, TRINDADE, 1995); 16.13. (Travessa da Madalena, 18) (TRINDADE, DIOGO, 1998a) e 16.14. (Rua dos Correiros, 70C-92 / Sondagem 14) (TRINDADE, DIOGO, 2003b) | Cerâmica vidrada: 16.15. (Rua de São Julião, 47-57/Rua do Comércio, 32-38) (SILVA, GUINOTE, 1998).



Designação	Pedra de Jogo
Função	Objecto utilizado em actividades lúdicas (jogos) sobre uma mesa, tabuleiro ou no chão (sendo neste caso arremessada).
Forma	Objecto de pequena ou muito pequena dimensão, plano e de forma geralmente circular.
Morfologia	Apresenta forma circular, espessa e plana ostentando por vezes decoração brunida ou linha de tonalidade branca.
Produções	Cerâmica comum, brunida, vidrada e pintada, faiança, porcelana, metal, osso e pedra.
Etimologia e referências documentais	O termo provém do latim e surge na documentação escrita desde o século XI.
Outras designações	Disco, ficha, malha, marca de jogo e peça de jogo. Para estas designações consultou-se principalmente SOUSA, 2011, pp. 518-519.
Ocorrência	Frequente mas indeterminada.
Observações	Não foi determinada relação inequívoca entre o objecto e o termo. São peças produzidas a partir de fragmentos cerâmicos, ou seja, trata-se de um aproveitamento secundário de cerâmica fragmentada. Existem em dimensões muito variadas, destinando-se provavelmente a jogos distintos. Os exemplares incluídos na <i>Tipologia: estampa</i> (figura 31) foram recolhidos no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros, em Lisboa.
Figura	Figura 31.

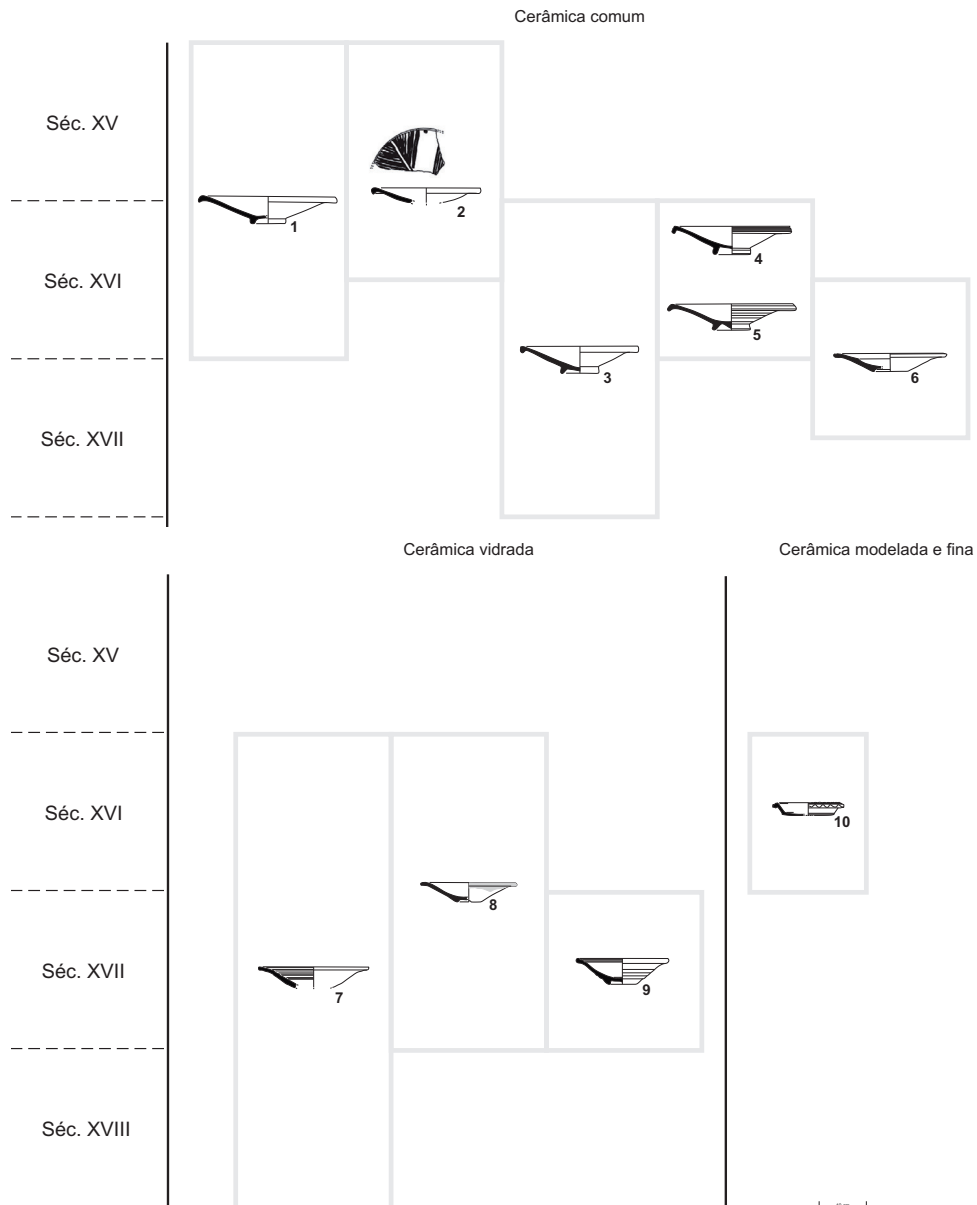
Designação	Pote
Função	Usado para armazenar alimentos. Recipiente de botica. Utilizado em actividades indústrias-artesanal (lagar).
Forma	Recipiente de média e grande dimensão, de forma fechada, bojuda, assente em base plana; por vezes apresenta duas asas.
Morfologia	Apresenta o bordo introvertido, por vezes com duas asas simétricas que se desenvolvem entre o ombro e a zona mesial do corpo da peça de feição globular no topo, tornando-se mais recta até à base plana.
Produções	Cerâmica comum e vidrada.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no francês, alemão e holandês e surge, muito frequentemente, na documentação escrita desde o século XIV.
Outras designações	Asado, atanor, barril, porão, púcaro e talha.
Ocorrência	Presente em 44% dos sítios.
Observações	Com frequência é referido que o pote era coberto com testo (FERNANDES, 2012, p. 331). A morfologia deste tipo não está fixada, sendo apresentadas três peças muito diferenciadas.
Figura 17	Referências: Cerâmica comum: 17.1. (Castelo de São Jorge – Palácio do Governador) (GASPAR <i>et alii</i> , 2009); 17.2. (Rua do Benfornoso, 168-186) (MARQUES, LEITÃO, BOTELHO, 2012) e 17.3. (Praça da Figueira / Hospital Real de Todos-os-Santos) (SILVA, GUINOTE, 1998).



Designação	Prato
Função	Usado para servir à mesa/comer alimentos sólidos. Na mesa, de uso geralmente individual (podendo ser colectivo, sobretudo os exemplares de maiores dimensões).
Forma	Recipiente de pequena e média dimensão, de forma aberta, em que a altura é significativamente inferior à largura.
Morfologia	Apresenta o bordo boleado e aba larga e extrovertida, paredes troncocónicas que assentam em pé em anel. Por vezes exibe ainda na superfície externa estrias/caneluras ao longo de toda a peça, inclusive no bordo. Algumas peças em cerâmica modelada mostram bordos extrovertidos, com abas descaídas, por vezes, onduladas e, nalguns casos, com a aplicação de decoração simples através da digitação.
Produções	Cerâmica comum, modelada, vidrada, faiança e metal.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no latim e surge na documentação escrita desde o século XV.
Outras designações	Pratel, testo e trincho.
Ocorrência	Presente em 51% dos sítios.
Observações	Com dimensão mais pequena surge na documentação a designação de "pratel". Por vezes, numa das suas variantes, esta forma confunde-se com a forma "testo": "prato pequeno que se colocava sobre os cântaros de água e sobre o qual se depositava o púcaro" (FERNANDES, 2012). Existe uma variante aparentemente inspirada na loiça dita "malegueira".

Figura 18

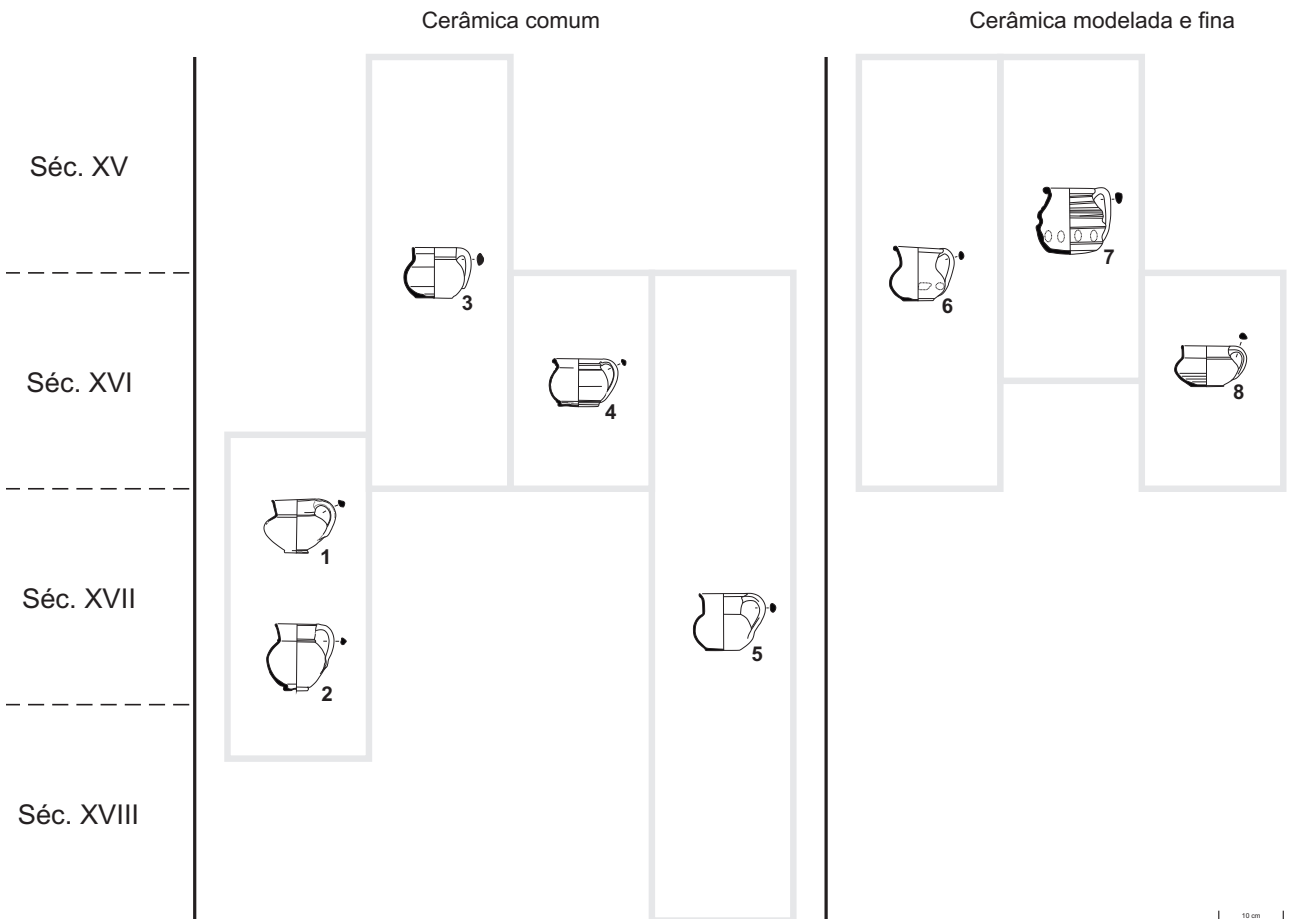
Referências: Cerâmica comum: 18.1. (Castelo de São Jorge – Palácio do Governador) (GASPAR *et alii*, 2009); 18.2. (Castelo de São Jorge – Palácio do Governador) (GASPAR, GOMES, 2012); 18.3. (Convento de Santana) (GOMES *et alii*, 2013); 18.4. – 18.5. (Rua dos Correiros, 79-85/Sondagem 24) (DIOGO, TRINDADE, 2000a) e 18.6. (Rua José António Serrano) (SILVA, GUINOTE, 1998) | Cerâmica vidrada: 18.7. (Quarteirão dos Lagares) (NUNES, FILIPE, 2012); 18.8. (Convento de Santana) (GOMES *et alii*, 2013); 18.9. (Convento de São Francisco) (TORRES, 2011) e 18.10. (Edifício do Aljube / Rua Augusto Rosa) (SANTOS, 2008).



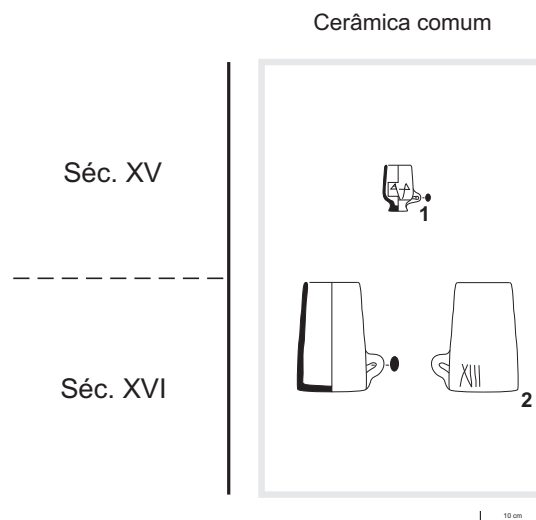
Designação	Púcaro
Função	Usado para servir à mesa/beber alimentos líquidos; de utilização individual. Usado para apoio à função de armazenamento, para tirar líquido de outros recipientes de maiores dimensões (cântaros, potes e talhas). Pode ainda ser utilizado como recipiente de cozinha (confeccionar ou aquecer alimentos).
Forma	Recipiente de pequena dimensão, forma fechada, de tendência cilíndrica ou ovóide, colo diferenciado de tendência vertical, mais ou menos alto e uma única asa.
Morfologia	Apresenta bordo extrovertido, demarcado exteriormente, a partir do qual se desenvolve a asa prolongando-se até ao corpo de feição globular; assenta em base plana ligeiramente destacada.
Produções	Cerâmica comum e modelada.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem em dialecto moçarábico (?) e surge, muito frequentemente, na documentação escrita desde o século XIV.
Outras designações	Quarta, potinho e púcara.
Ocorrência	Presente em 53% dos sítios.
Observações	Esta forma, embora com claros antecedentes medievais, substitui funcionalmente a "jarrinha" de cronologia medieval-islâmica e tardo-medieval. Com frequência é referido que o púcaro era coberto com testo (FERNANDES, 2012, p. 336).

Figura 19

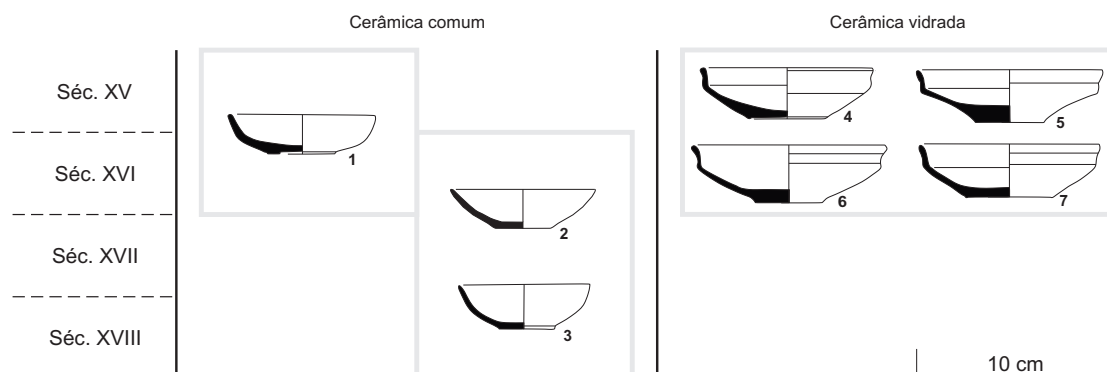
Referências: Cerâmica comum: 19.1. (Martim Moniz) – 19.2. (Praça da Figueira/Hospital Relá de Todos-os-Santos) e 19.4. (Praça D. Pedro IV/ Rossio) (SILVA, GUINOTE, 1998); 19.3. (Castelo de São Jorge – Palácio do Governador) (GASPAR *et alii*, 2009) e 19.5. (Rua de São Pedro Mártir, 22-24/Calçada de São Lourenço, 17-19) (TRINDADE, DIOGO, 2003a) | Cerâmica modelada e fina: 19.6. (Rua do Benfornoso, 168-186) (MARQUES, LEITÃO, BOTELHO, 2012); 19.7. (Castelo de São Jorge – Palácio do Governador) (GASPAR, GOMES, 2012) e 19.8. (Edifício do Aljube/ Rua Augusto Rosa) (SANTOS, 2008).



Designação	Recipiente de Medida
Função	Usado na actividade comercial (venda de alimentos líquidos e secos). Usado na cozinha (na confecção das receitas).
Forma	Recipientes de dimensão variada, forma fechada e ligeiramente troncocónica, com base plana e asa única, posicionada junto ao fundo. A variante de dimensão mais pequena apresenta por vezes pé destacado.
Morfologia	Apresenta bordo plano, rectilíneo e, por vezes, extrovertido, demarcado interior e exteriormente, com lábio de perfil semicircular.
Produções	Cerâmica comum, madeira e metal.
Etimologia e referências documentais	Origem variável (depende de cada medida); surgem abundantes referências na documentação escrita desde o período medieval.
Outras designações	Alqueire, almude, arrátel, arroba, maquia, medida de cereais púcaro, quarta, etc.
Ocorrência	Presente em 18% dos sítios.
Observações	O termo não surge na documentação, sendo estes recipientes referidos pela sua medida de capacidade. A classificação neste tipo depende da localização da asa junto ao fundo, do bordo que se apresenta cortado no topo e da existência de marcas/inscrições de medida ou de aferição de medida gravadas após cozedura. A necessidade de aferição da capacidade destes recipientes existiria apenas para os que eram utilizados no comércio (VIANA, 2015, p. 58).
Figura 20	Referências: Cerâmica comum: 20.1. – 20.2. (Castelo de São Jorge – Palácio do Governador) (GASPAR <i>et alii</i> , 2009).



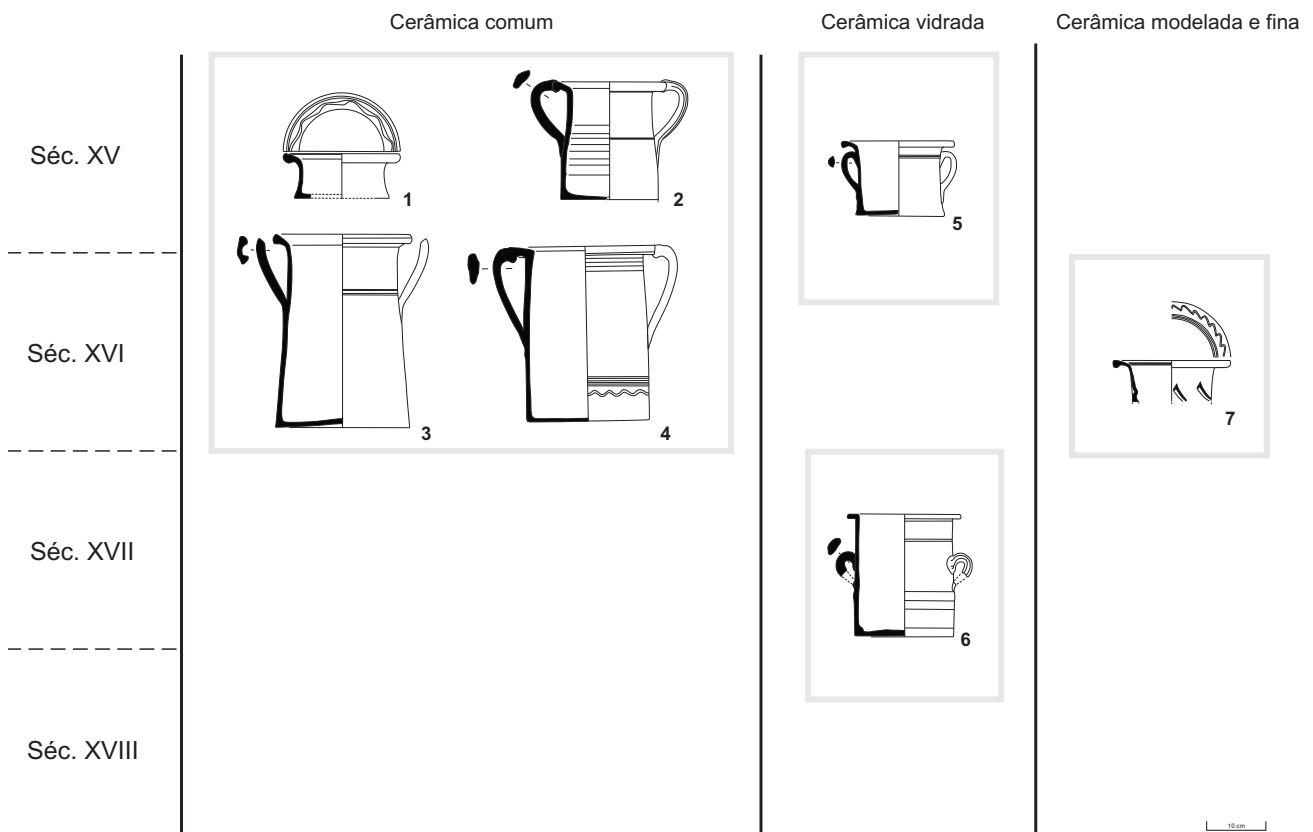
Designação	Salseira/Saleiro
Função	Usado para servir à mesa molhos, sal, especiarias, temperos, ervas, etc.; de utilização colectiva.
Forma	Recipiente de pequena dimensão, de forma aberta, por vezes carenada, de paredes envasadas ou verticais e base plana.
Morfologia	Apresenta bordo rectilíneo, corpo hemisférico baixo e assenta em base plana, geralmente espessa e maciça.
Produções	Cerâmica comum e vidrada.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no latim e surge na documentação escrita desde o século XIV.
Outras designações	Especieiro, salsinha e taça.
Ocorrência	Presente em 9% dos sítios.
Figura 21	Referências: Cerâmica comum: 21.1. (Rua do Benfornoso, 168-186) (MARQUES, LEITÃO, BOTELHO, 2012); 21.2. – 21.3. (Rua de São Pedro Mártir, 22-24/Calçada de São Lourenço, 17-19) (TRINDADE, DIOGO, 2003a) Cerâmica vidrada: 21.4. – 21.7. (Quarteirão dos Lagares) (NUNES, FILIPE, 2012).



Designação	Servidor
Função	Usado na higiene pessoal, para conter dejectos humanos.
Forma	Recipiente de dimensão média, forma de tendência cilíndrica; bordo extrovertido, largo e plano; base plana e duas asas.
Morfologia	Apresenta bordo largo, extrovertido em forma de aba, demarcado interior e exteriormente, onde se desenvolvem duas asas simétricas até à zona mesial do corpo e assenta em base plana. Do ponto de vista decorativo, poderá apresentar na aba motivos ondulantes e linhas concêntricas incisas e abaixo do bordo incisões oblíquas efectuadas através da pressão de um instrumento pelo exterior.
Produções	Cerâmica comum, vidrada, modelada e fina.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no latim e surge, muito frequentemente, na documentação escrita desde o século XVI.
Outras designações	Bacia, bacio, bacio de quarto, bacio servidor, bispote, calhandro, camareira, camareiro, vaso de águas, vaso de quarto, vaso de noite e penico.
Ocorrência	Presente em 22% dos sítios.
Observações	Há uma forma baixa, mais pequena e decorada, a que alguns autores chamam "bacia". A partir do século XVIII, a forma evolui para recipientes de menor dimensão, de corpo bojudo e uma asa (bacio ou penico). Para a descrição da decoração consultou-se principalmente SANTOS, 2008, pp. 325-345.

Figura 22

Referências: Cerâmica comum: 22.1. – 22.3. (Rua do Benfornoso, 168-186) (MARQUES, LEITÃO, BOTELHO, 2012) e 22.4. (Castelo de São Jorge – Palácio do Governador) (GASPAR *et alii*, 2009) | Cerâmica vidrada: 22.5. (Castelo de São Jorge – Palácio do Governador) (GASPAR, GOMES, 2012) e 22.6. (Quinta de Vila Pouca/Vale de Alcântara) (BATALHA, CARDOSO, 2013) | Cerâmica modelada e fina: 22.7. (Edifício do Aljube/Rua Augusto Rosa) (SANTOS, 2008).



Designação	Sino
Função	Objecto destinado a sinalizar sonoramente um chamamento, em espaço doméstico. Utilizado também em funções religiosas/rituais.
Forma	Objecto de pequena dimensão, de forma cónica oca; sem fundo e com pêndulo.
Morfologia	Apresenta forma cónica, assente em base larga que vai estreitando até ao topo, onde ostenta uma pequena pega de formato circular para o sino ser manobrado.
Produções	Cerâmica comum, modelada e metal.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no latim e surge na documentação escrita desde o século XII).
Outras designações	Badalo e campainha.
Ocorrência	Referido em 4% dos sítios.
Observações	O exemplar incluído na <i>Tipologia: estampa</i> (figura 31) foi recolhido no Pátio Linheiro/Largo dos Trigueiros, em Lisboa (BARGÃO, FERREIRA, 2013).
Figura	Figura 31.

Designação	Taça de pé alto
Função	Usado para servir à mesa/beber alimentos líquidos; de utilização individual.
Forma	Recipiente de pequena dimensão, de forma aberta com pé alto.
Morfologia	Apresenta bordos boleados ou rectos; paredes rectas com duas asas verticais; corpo de forma hemisférica. Do ponto de vista decorativo surgem motivos digitados ou estampilhados, de feição ovóide, frisos ou linhas de ônfalos nas paredes das peças, por vezes, combinando ambas originando uma deformação na peça provocada pela pressão dos dedos contra a parede. Surgem ainda exemplares com bordo extrovertido, com carena no centro do corpo. Pé alto, troncocónico e oco.
Produções	Cerâmica modelada.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no árabe e surge na documentação escrita desde o século XIV.
Outras designações	Cálice.
Ocorrência	Presente em 4% dos sítios.
Observações	Este tipo não aparece na documentação municipal (posturas, taxas e regimentos de oleiros), parecendo tratar-se de um recipiente usado em exclusivo pelos grupos sociais mais elevados. Para a descrição da decoração consultou-se principalmente SANTOS, 2008, pp. 325-345.
Figura 23	Referências: Cerâmica modelada e fina: 23.1. – 23.2. (Edifício do Aljube / Rua Augusto Rosa) (Santos, 2008).

Cerâmica modelada e fina

Séc. XVI

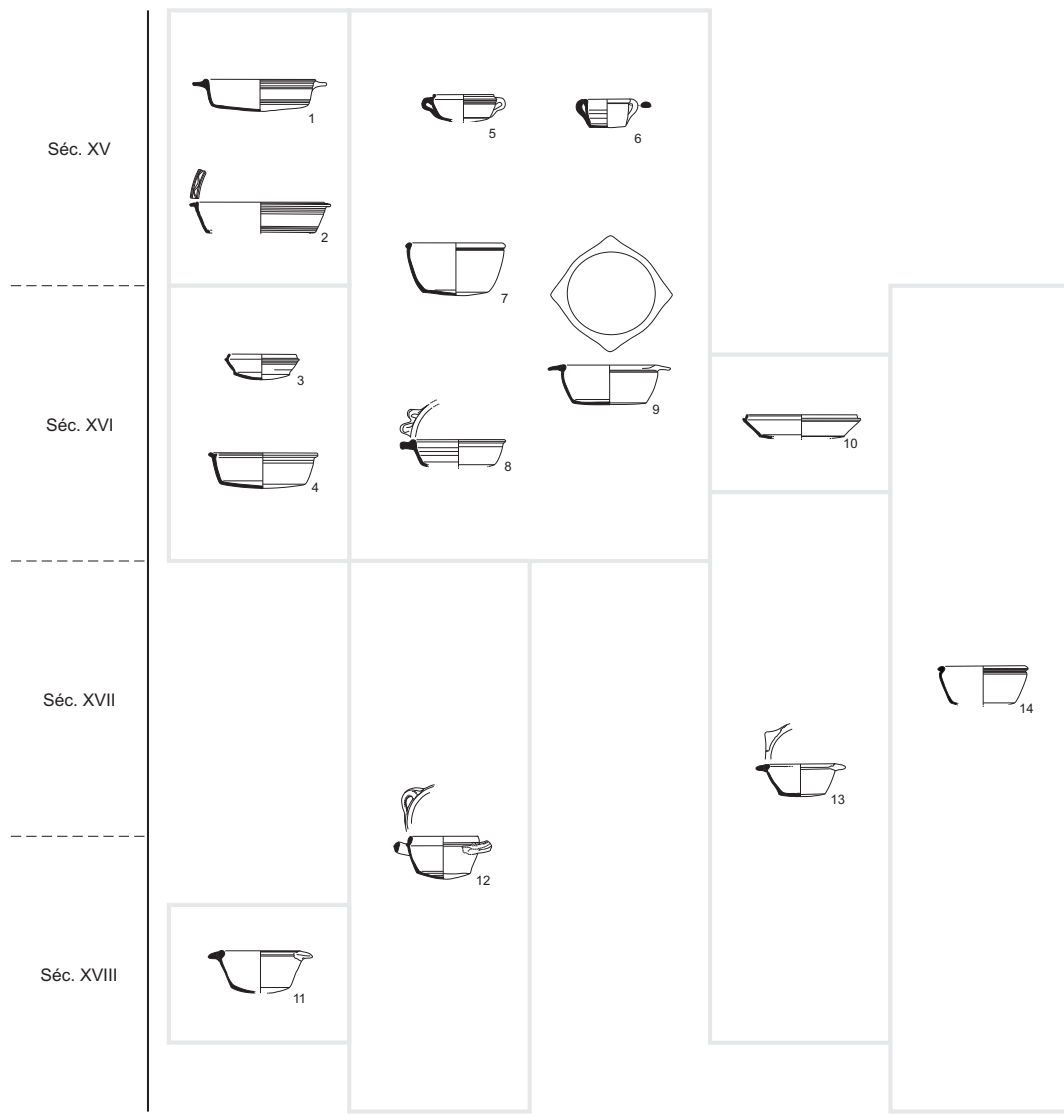


Designação	Tacho
Função	Usado para cozinhar, ao lume ou no forno. Eventualmente utilizado também para servir à mesa (terrina?), neste caso de utilização colectiva.
Forma	Recipiente de média dimensão, de forma aberta e corpo baixo; fundo convexo; duas asas ou pegas; apresenta geralmente no bordo ressalto para encaixe de testro. Aparentemente, no século XVII, surge um segundo tipo, de corpo alto e envasado com duas ou quatro asas/pegas.
Morfologia	Apresenta bordo bipartido, com lábio de perfil semicircular, com uma pequena lingueta, por vezes muito introvertida que permite o encaixe da tampa/testro. Na passagem do bordo para o corpo, a peça sofre uma inflexão; as paredes são baixas, ligeiramente extrovertidas e, por vezes, de tendência hemisférica, e assentam em base convexa. Ostentam ainda duas asas simétricas, torças, que se desenvolvem no sentido horizontal na zona do bordo ou, por vezes, partem da inflexão até à zona da base. Do ponto de vista decorativo, as paredes encontram-se normalmente adornadas com caneluras no seu topo ou incisão ondulada contínua, e, por vezes, na pequena lingueta onde encaixa a tampa/testro, surge também incisão ondulada contínua. Em alguns exemplares vemos ainda o bordo profusamente decorado por dedadas.
Produções	Cerâmica comum e (raramente) vidrada. Vulgarmente era em metal – liga de cobre e ferro –, sendo o tacho de barro, uma imitação dos tachos de metal, referidos no regimento lisbonense (FERNANDES, 2012).
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem obscura e surge na documentação escrita desde o século XV.
Outras designações	Assadeira (?), caçarola, caçoila, pingadeira (?), talhador (?) e terrina.
Ocorrência	Presente em 49% dos sítios.
Observações	Na documentação estudada por FERNANDES, 2012, não surge a associação do tacho ao testro.

Figura 24

Referências: Cerâmica comum: 24.1. (Rua de São Marçal) (GASPAR, AMARO, 1997); 24.2. e 24.10. (Rua dos Correiros/Sondagem 27) (DIOGO, TRINDADE, 2001); 24.3. – 24.4. (Rua de São Nicolau, 107-111) (DIOGO, TRINDADE, 2000b); 24.5. (Castelo de São Jorge – Beco do Forno (GOMES *et alii*, 2009); 24.6. e 24.8. (Castelo de São Jorge – Palácio do Governador) (GASPAR *et alii*, 2009); 24.7. e 24.9. (Rua do Benfornoso, 168-186) (MARQUES, LEITÃO, BOTELHO, 2012); 24.11. e 24.14. (Rua dos Correiros, 70C-92/Sondagem 14) (TRINDADE, DIOGO, 2003b) e 24.12. (Casa dos Bicos) – 24.13. (Praça da Figueira/Hospital Real de Todos-os-Santos) (SILVA, GUINOTE, 1998).

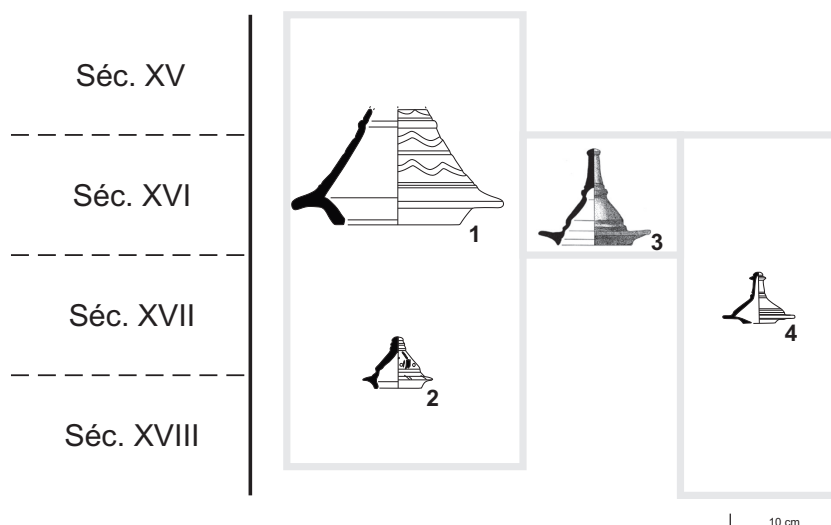
Cerâmica comum



Designação	Talha
Função	Usado para armazenar alimentos líquidos ou cereais.
Forma	Recipiente de grande dimensão, geralmente de forma bojuda, colo curto, bordo de tendência introvertida; base plana. Por vezes, apresenta duas asas. Alguns exemplares apresentam decoração incisa, modelada ou com aplicações plásticas.
Morfologia	Apresenta bordo curto, demarcado exterior e interiormente, de secção quadrangular; o corpo mostra feição piriforme e assenta em base plana. As asas, quando existentes, situam-se na parte superior do corpo da peça. Do ponto de vista decorativo, poderá apresentar aplicações plásticas, incisões e impressões.
Produções	Cerâmica comum e vidrada.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no latim, via castelhano, e surge, muito frequentemente, na documentação escrita desde o século XIV.
Outras designações	Barril e pote.
Ocorrência	Presente em 16% dos sítios.
Observações	Com frequência é referido que a talha era coberta com testo (FERNANDES, 2012, p. 343). Na bibliografia sobre cerâmica moderna de Lisboa, não se encontra ilustrada qualquer talha, completa ou quase. Assim, o exemplar incluído na <i>Tipologia: estampa</i> (figura 31) foi recolhido em Silves e é apresentado com a escala alterada (GOMES, 1996, p. 169).
Figura	Figura 31.

Designação	Tampa
Função	Usado para servir à mesa, cobrindo recipientes (açucareiros, bilhas e cântaros).
Forma	Recipiente de forma cônica, com pega central.
Morfologia	Apresenta forma troncocônica, com uma pega superior em botão de forma triangular. Mostra uma aba exterior de feição triangular própria para assentar/cobrir os recipientes. Por vezes, pode apresentar decoração composta por uma banda na parte central da parede com incisões.
Produções	Cerâmica modelada e pedrada.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no gótico e surge na documentação escrita desde o século XVI.
Ocorrência	Presente em 13% dos sítios.
Observações	Não há evidências de que este objecto fosse designado através deste termo. Parece tratar-se de um recipiente de uso restrito, limitado aos grupos sociais mais elevados.
Figura 25	Referências: Cerâmica modelada e pedrada: 25.1. (Rua do Benfornoso, 168-186) (MARQUES, LEITÃO, BOTELHO, 2012); 25.2. (Escadinhas da Saúde) (TRINDADE, DIOGO, 1998b); 25.3. (Edifício do Aljube/Rua Augusto Rosa) (SANTOS, 2008) e 25.4. (Rua dos Correiros, 70C-92/Sondagem 14) (TRINDADE, DIOGO, 2003b).

Cerâmica modelada e pedrada

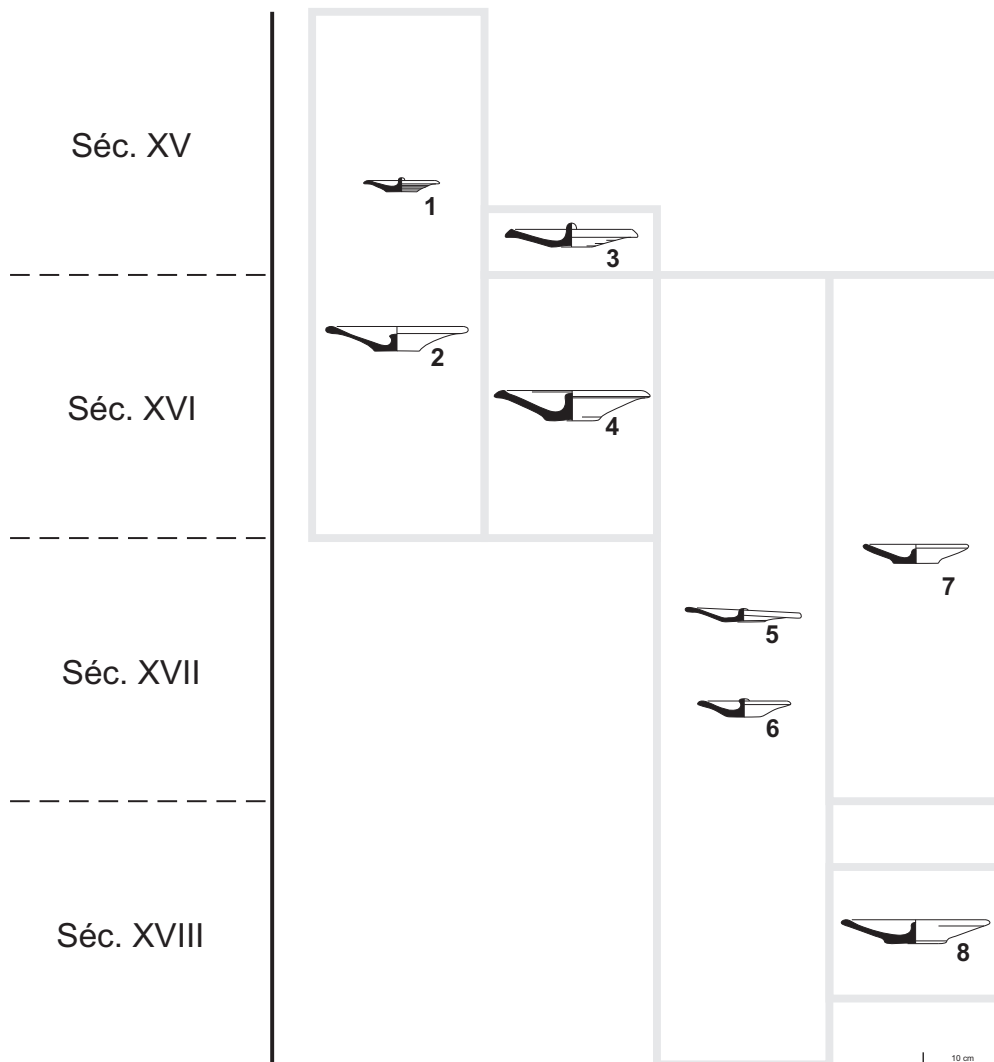


Designação	Testo
Função	Usado nas funções de cozinha e armazenamento, para cobrir recipientes (cântaros, panelas, potes, púcaros, tachos e talhas), para resguardar o seu conteúdo, preservar a temperatura ou auxiliar na cozedura dos alimentos.
Forma	Recipiente de pequena ou média dimensão, de forma aberta, troncocónica, por vezes de tendência plana; apresenta pega central; base plana, ligeiramente côncava ou convexa.
Morfologia	Apresenta bordo com lábio de perfil semicircular, espessado; paredes extrovertidas; uma pega em botão e assenta em base plana.
Produções	Cerâmica comum e vidrada.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no latim e surge na documentação escrita no século XIV e, muito frequentemente, desde o século XVI.
Outras designações	Cobertura, sapadeiro, tampa, telhador e trincho.
Ocorrência	Presente em 53% dos sítios.
Observações	Esta forma, principalmente enquanto fragmento, confunde-se com a forma prato.

Figura 26

Referências: Cerâmica comum: 26.1. (Castelo de São Jorge – Palácio do Governador) (GASPAR *et alii*, 2009); 26.2. (Rua do Benfornoso, 168-186) (MARQUES, LEITAO, BOTELHO, 2012); 26.3. (Rua João do Outeiro, 36-44) (DIOGO, TRINDADE, 1998); 26.4. (Rua de São Nicolau, 107-111) (DIOGO, TRINDADE, 2000b); 26.5. – 26.6. (Rua dos Correiros, 70C-92/Sondagem 14) (TRINDADE, DIOGO, 2003b); 26.7. (Convento de Santana) (GOMES *et alii*, 2013) e 26.8. (Rua dos Correiros/Rua de Santa Justa/Sondagem 1) (DIOGO, TRINDADE, 1995).

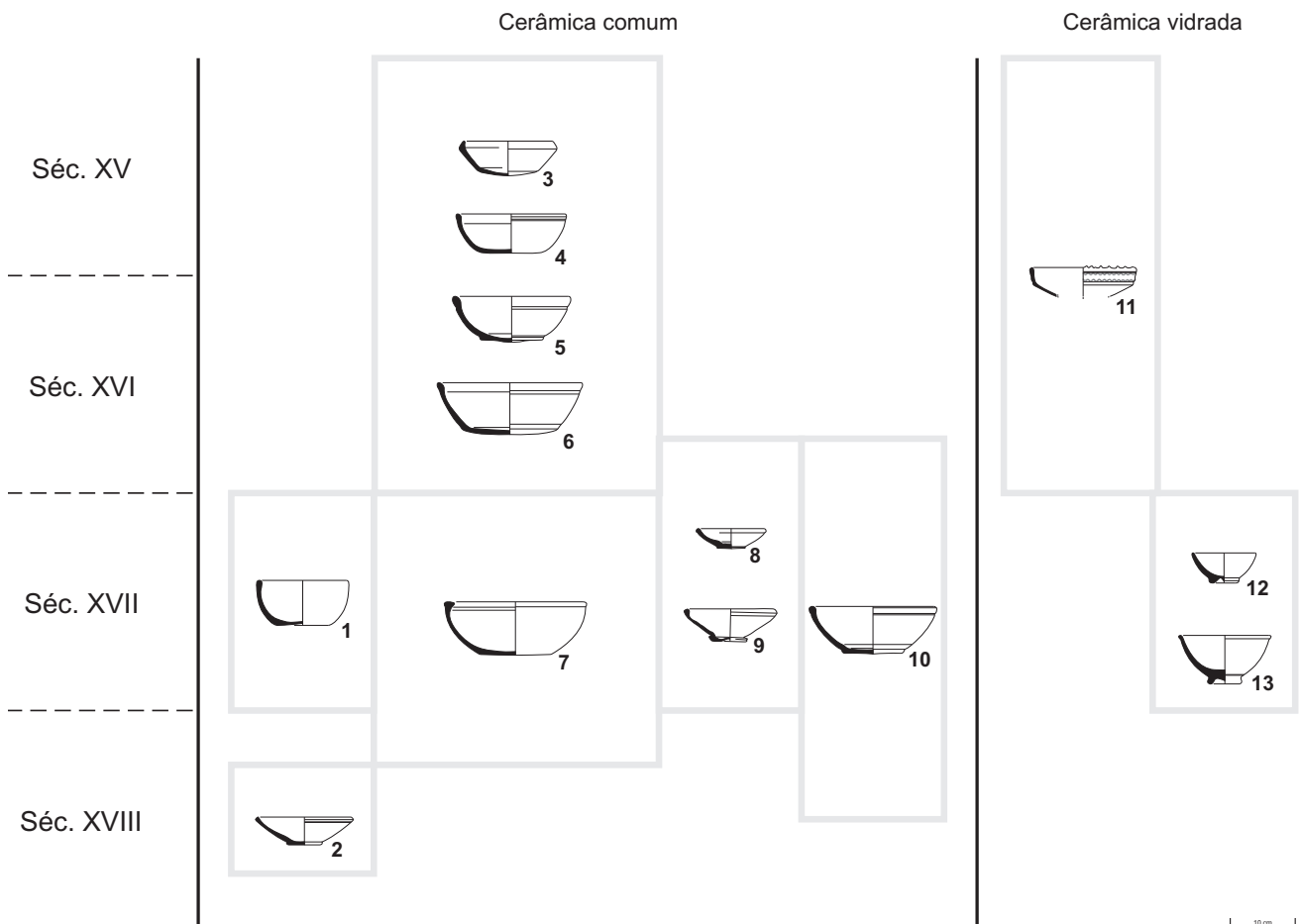
Cerâmica comum



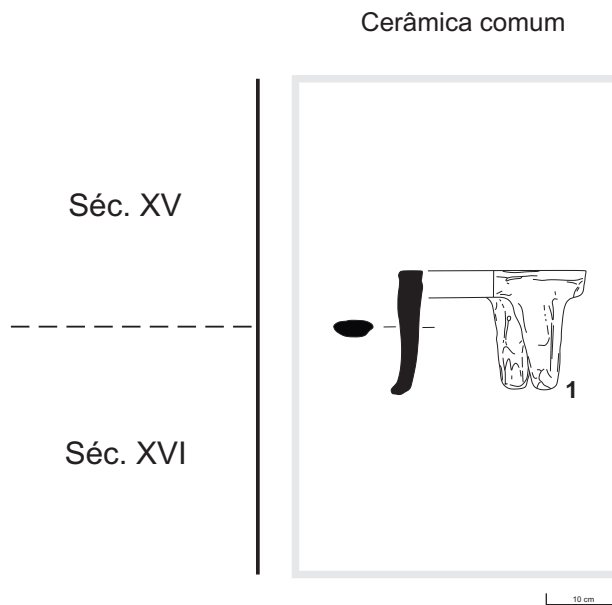
Designação	Tigela
Função	Usado para servir à mesa alimentos sólidos, semi-sólidos, sopas ou caldo; de utilização individual ou colectiva, em função da dimensão. Os exemplares mais pequenos podiam ser usados no serviço de mesa para consumo individual de líquidos. Também poderia ser usado na cozinha na preparação e até cozedura (no fogo ou no forno) dos alimentos, ou na lavagem de outros recipientes (como pequeno alguidar).
Forma	Recipiente de pequena ou média dimensão, de forma aberta, troncocónica, por vezes carenada; fundo plano, destacado ou em anel.
Morfologia	Apresenta bordo extrovertido, com ressalto, com lábio de secção semicircular; ou bordo por vezes simples; assenta em pé em bolacha, por vezes ligeiramente convexo. Nalguns casos, o corpo mostra carena ao centro, caneluras na zona do bordo, assentando em pé anelar, ligeiramente destacado. Surgem ainda peças que mostram bordo aplanado superiormente e corpo de forma hemisférica. Alguns exemplares mostram um bordo introvertido de secção semicircular, com pequena asa de feição triangular, corpo de forma troncocónica assente em base plana.
Produções	Cerâmica comum, vidrada e faiança.
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no latim e surge, muito frequentemente, na documentação escrita desde o século XIV.
Outras designações	<i>Ataifor</i> , <i>bacia</i> , <i>caçoila</i> , <i>escudela</i> , <i>gamela</i> , <i>malga</i> , <i>saladeira</i> , <i>taça</i> , <i>taça carenada</i> e <i>talhador</i> .
Ocorrência	Presente em 69% dos sítios.
Observações	Trata-se de um recipiente multifuncional e morfologicamente muito diferenciado. Surge em dimensões muito variadas.

Figura 27

Referências: Cerâmica comum: 27.1., 27.8. e 27.10. (Praça da Figueira/Hospital Real de Todos-os-Santos) (SILVA, GUINOTE, 1998); 27.2. (Travessa da Madalena, 18) (TRINDADE, DIOGO, 1997); 27.3. – 27.4. e 27.6. (Castelo de São Jorge – Palácio do Governador) (GASPAR *et alii*, 2009); 27.5. (Rua do Benfornoso, 168-186) (MARQUES, LEITAO, BÓTELHO, 2012); 27.7. (Quinta Vila Pouca/Vale de Alcântara) (BATALHA, CARDOSO, 2013) | Cerâmica vidrada: 27.11 (Quarteirão dos Lagares) (NUNES, FILIPE, 2012) e 27.12. – 27.13. (Convento de São Francisco) (TORRES, 2011).



Designação	Trempe
Função	Usado para cozinhar, sobre o lume ou brasas, como suporte para os recipientes de cozinha (frigideira, panela ou tacho).
Forma	Peça em forma de triângulo ou arco, que assenta sobre três pés macios.
Morfologia	Apresenta base plana e vazada que assenta em três pés salientes e destacados de secção triangular.
Produções	Cerâmica comum e metal (ferro).
Etimologia e referências documentais	O termo tem origem no latim e surge na documentação escrita desde o século XVI.
Outras designações	Tripeça e tripé.
Ocorrência	Presente em 4% dos sítios.
Observações	As trempes surgem referenciadas na documentação mas sempre em metal (não se conhecem referências escritas a trempes em cerâmica). É considerado um utensílio portátil.
Figura 26	Referências: Cerâmica comum: 28.1. (Castelo de São Jorge – Palácio do Governador) (GASPAR <i>et alii</i> , 2009).



4. Distribuição, frequência e cronologia

Os 45 sítios arqueológicos com espólio cerâmico publicado e que, portanto, forneceram informação útil para o presente estudo, foram cartografados sobre a Planta de Lisboa, posterior a 1780 (Colecção de Augusto Vieira da Silva, n.º 43, Planta 4; GEO/CML), na qual se sobrepõem as cartografias pré e pós terramoto. Verifica-se que grande parte dos sítios (31) se encontra no perímetro muralhado do final da Idade Média (ou seja, no interior da Cerca Fernandina), ou na sua envolvente próxima. Considera-se, por isso, que na amostra utilizada poderá verificar-se algum défice de representatividade relativamente ao território urbano de Época Moderna, principalmente no que se refere às cronologias mais recentes (séculos XVII e XVIII) e às zonas de frente ribeirinha e de expansão urbana para Oeste e Leste da cidade medieval.

Relativamente ao tipo de contextos que forneceram os objectos cerâmicos que estão na base desta *Tipologia*, pode referir-se numa abordagem genérica que se registaram: convento (3), contexto habitacional (23), contexto de armazenamento (1), depósito fluvial (2), hospital (1), olaria

(3), palácio (6), quinta (1) e indeterminado (8). Tentou-se estabelecer uma correlação entre o tipo de contexto e a ocorrência de determinados tipos cerâmicos, nomeadamente os menos abundantes, mas sem sucesso, provavelmente devido à pequena dimensão da amostra e à natureza pouco sistemática da informação de base.

Dos 45 sítios representados, apenas três não têm cerâmica comum publicada; 24 sítios não têm cerâmica vidrada publicada; apenas 15 sítios têm exemplares de cerâmica fina (modelada, incisa e pedrada) publicada. Relativamente aos grupos funcionais, 89% dos sítios forneceram cerâmica de cozinha; 80% dos sítios facultaram loiça de mesa; 58% forneceram loiça de armazenamento e transporte; e 56% dos sítios proporcionaram objectos integráveis em outras funcionalidades (nomeadamente, higiene, iluminação e lúdica).

Foi ponderada a frequência relativa dos “tipos” cerâmicos nos 45 sítios arqueológicos que constituem a amostra deste estudo. As frequências numéricas apresentadas contêm, certamente, uma margem de erro, pois na maioria dos casos os “tipos” referenciados pelos autores surgem na forma de fragmentos; por outro lado,



Figura 29 - Planta de Lisboa, posterior a 1780 (Colecção de Augusto Vieira da Silva, nº 43, Planta 4; GEO/CML) com a representação dos sítios arqueológicos com espólio cerâmico publicado.

muitas vezes, os “tipos” são referidos mas não ilustrados. A “reclassificação” dos objectos de acordo com a presente *Tipologia* também comporta alguma possibilidade de erro, pelas mesmas razões.

Como já foi mencionado, o carácter e abrangência muito diferenciados das publicações que constituem a fonte para esta ponderação de frequência (em relação à totalidade dos objectos cerâmicos efectivamente recolhidos) impossibilitam conclusões definitivas, permitindo apenas uma apreciação de presença/ausência nas referências bibliográficas (e não nas colecções arqueológicas). Contudo, considera-se, que as frequências apresentadas para cada tipo constituem, ainda assim, um indicador fiável, para além do único para já possível, relativamente à sua maior ou menor representatividade nos conjuntos cerâmicos da cidade de Lisboa.

Relativamente à loiça de cozinha e à frequência dos tipos cerâmicos definidos, verifica-se, que o tipo mais abundante é a panela (presente em 71% dos sítios), seguido do alguidar (60%), do testo (53%), do tacho (49%) e da frigideira (44%). Com ocorrência mais rara, registam-se o fogareiro, o almofariz e a trempe.

No que respeita à loiça de mesa, os tipos mais frequentes nos sítios em apreço são a tigela (presente em 69% dos sítios), o púcaro (53%), o prato (51%), a bilha (36%) e a infusa (33%). Com ocorrência mais rara registam-se o açucareiro, a escudela, a caneca, a salseira/saleiro, a tampa, a taça de pé alto e a jarrinha.

Quanto aos recipientes de armazenamento e transporte, estão representados o pote (presente em 44% dos sítios), o cântaro (24%) e a talha (16%). Com fre-

quência mais reduzida, há a referir o cantil, o barril, a botija e o boião.

Na função de higiene pessoal, destaca-se o servidor (presente em 22% dos sítios). Na iluminação, regista-se a candeia (em 20% dos sítios) e o candeeiro (4%). Noutras funções, registam ocorrência muito reduzida: o recipiente de medida, o brinco, o mealheiro, o sino, o apito e a jarra decorativa.

Relativamente à cronologia dos conjuntos cerâmicos verifica-se algum equilíbrio em relação aos quatro séculos abrangidos neste estudo (XV, XVI, XVII e XVIII). O século XVI é o melhor representado (presente em 32% dos 45 sítios arqueológicos da amostra), seguindo-se os séculos XVII e XVIII (em 25% dos sítios) e, por fim, o século XV, apenas representado em 18% dos sítios.

Na conclusão do trabalho foi possível elaborar a *Tipologia: estampa* (Figura 31) da cerâmica de Época Moderna na cidade de Lisboa, ou seja, a expressão gráfica sintética dos 37 “tipos” cerâmicos definidos. Na elaboração desta estampa final, utilizaram-se essencialmente peças publicadas seleccionadas (que integram as estampas tipológicas de cada “tipo”), com o objectivo de ilustrar as principais variantes em presença. Os desenhos das peças, na sua maioria já previamente vectorizados, foram por vezes sujeitos a manipulação, no sentido da sua simplificação, clarificação morfológica, ou montagem (com recurso a vários fragmentos). Neste procedimento não foram consideradas diferenças entre as três produções em análise (cerâmica comum, vidrada e fina), privilegiando-se as características morfológicas distintas.



Figura 30 - Cerâmica Moderna de Lisboa | Ocorrência de tipos / função / produção, em sítios.

Tabela 2 - Cerâmica Moderna de Lisboa | Síntese e referências

CNS	Sítios (de Lisboa)	Tipo de contexto	Cronologia (em séculos)	Cerâmica comum	Cerâmica vidrada	Cerâmica modelada e fina	Bibliografia
3996	Convento e Igreja do Carmo	Convento	XVI-XVII	púcaro			FERREIRA, NEVES, 2005
16837	Convento de São Francisco	Convento	XVI-XVII		alguidar, escudela, infusa, panela, pote, prato, servidor, tigela	açucareiro, bilha, pote	RAMALHO, FOLGADO, 2002; TORRES, 2011
19397	Convento de Santana	Convento	XVI-XVII	alguidar, barril, botija, cântaro, cantil, fogareiro, frigideira, infusa, marca de jogo, panela, pote, prato, púcaro, servidor, tacho, talha, testo, tigela, trempe	alguidar, frigideira, pote, prato, servidor, talha, tigela	açucareiro, bilha, candeia, cântaro, infusa, panela, pote, púcaro, salseira/saleiro, tampa, tigela	GOMES <i>et alii</i> , 2013
35897	Largo Vitorino Damásio	Depósito fluvial	XVIII	bilha, cântaro, fogareiro, prato, talha, tigela	alguidar, frigideira, infusa, pote, tacho		SANTOS, 2006a
30148	Largo do Chafariz de Dentro	Depósito fluvial	Final XV - XVII	sino, prato/testo, almofariz	alguidar, pote, tigela, servidor	candeeiro, pote	SILVA <i>et alii</i> , 2012
15801	Rua dos Correiros/Santa Justa – Sondagem 1	Habitacional	Meados XVIII	panela, testo			DIOGO, TRINDADE, 1995
15807	Rua dos Correiros, 69-71 / Sondagem 25	Habitacional	XVI	púcaro			DIOGO, TRINDADE, 2000a
21930	Rua de São Julião, 47-57 / Rua do Comércio, 32-38	Habitacional	Final XVI - meados XVII		panela		SILVA, GUINOTE, 1998
Sem CNS	Rua Rafael Andrade	Habitacional	Final XVII - início XVIII	alguidar, panela, púcaro	alguidar		BRITO, BARBOSA, 2012
4790	Martim Moniz	Habitacional	XV - início XVIII	bilha, infusa, testo, púcaro, tigela	bilha		SILVA, GUINOTE, 1998
16919	Rua dos Correiros – Sondagem 27	Habitacional	Meados XVI	alguidar, frigideira, infusa, panela, púcaro, tacho, testo, tigela	prato		DIOGO, TRINDADE, 2001
12918	Rua João do Outeiro, 36-44	Habitacional	Final XV	alguidar, barril, infusa, panela, pote, prato, tacho, testo, tigela			DIOGO, TRINDADE, 1998
16912	Rua dos Correiros – Sondagem 3	Habitacional	XV	caneca, frigideira, panela, pote, prato/testo, tacho, testo, tigela			DIOGO, TRINDADE, 2001
12916	Rua São Pedro Mártir, 26-34	Habitacional	Meados XVIII	brinco, púcaro			DIOGO, TRINDADE, 1998a
21688	Rua da Saudade, 2	Habitacional	Época moderna	candeia, panela			PRATA, DIAS, CUESTA-GÓMEZ, 2013
15803	Rua dos Correiros – Sondagem 8	Habitacional	Meados XVI	alguidar, bilha, candeia, caneca, frigideira, infusa, panela, tacho, testo, tigela			DIOGO, TRINDADE, 2008
15808	Rua dos Correiros, 79-85 / Sondagem 24	Habitacional	Séc. XVI	alguidar, bilha, candeia, caneca, frigideira, infusa, panela, tacho, testo, tigela			DIOGO, TRINDADE, 2000a

CNS	Sítios (de Lisboa)	Tipo de contexto	Cronologia (em séculos)	Cerâmica comum	Cerâmica vidrada	Cerâmica modelada e fina	Bibliografia
34879	Carnide - Largo do Coreto / Rua Neves Costa	Habitacional	Final XVI - início XVII	alguidar, brinco, frigideira, mealheiro, panela, prato, púcaro, recipiente de medida, salseira/saleiro, tacho, tigela	apito	açucareiro, apito, prato, salseira/saleiro, tigela	CAESSA, MOTA, 2013
1950	Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros	Habitacional	Meados XVIII	alguidar, brinco, frigideira, recipiente de medida, panela, pote, prato, púcaro, tacho, testo, tigela	brinco, frigideira, panela, púcaro, testo, tigela	tigela	COELHO, BUGALHÃO, 2015
12410	Rua de São Nicolau, 107-111	Habitacional	Final XV - início XVI	alguidar, bilha, candeia, cântaro, infusa, panela, prato, púcaro, recipiente de medida, tacho, testo, tigela			DIOGO, TRINDADE, 2000b
13737	Rua de São Pedro Mártir, 22-24 / Calçada de São Lourenço, 17-19	Habitacional	XVI - XVIII	alguidar, bilha, brinco, caneca, cântaro, fogareiro, frigideira, mealheiro, panela, pote, prato, púcaro, tacho, talha, testo, tigela		púcaro, tampa	DIOGO, TRINDADE, 1999; TRINDADE, DIOGO, 2003a
15806	Rua dos Correiros, 70C-92 / Sondagem 14	Habitacional	Meados XVIII	alguidar, bilha, botija, fogareiro, frigideira, jarra, panela, tacho, testo, tigela			TRINDADE, DIOGO, 2003b
16617	Encosta de Santana (Martim Moniz)	Habitacional	Meados XVIII	candeia, cântaro, fogareiro, frigideira, infusa, jarrinha, panela, prato, púcaro, servidor, testo, tigela	alguidar		CASIMIRO, 2011
22713	Largo do Terreiro do Trigo	Habitacional	XVI - 2.ª metade XVII	caneca, infusa, púcaro, recipiente de medida, tigela	alguidar, talha, tigela		GONZÁLEZ, 2012
35910	Beco das Barreiras	Habitacional	Final XVI - 2.ª metade XVIII	apito, fogareiro, frigideira, infusa, panela, pote, prato, púcaro, testo, tigela	alguidar, frigideira, panela, pote, prato, tigela, servidor		OLIVEIRA, 2012
16222	Castelo de São Jorge – Beco do Forno	Habitacional/ Armazenamento	XV - XVI	alguidar, bilha, caneca, jarrinha, panela, prato, tacho, testo, tigela			GOMES <i>et alii</i> , 2009; OLIVEIRA, 2009
35896	Rua de São Marçal	Habitacional/ Olaria	XV	cântaro, panela, tacho, tigela			GASPAR, AMARO, 1997
13683	Quarteirão dos Lagares	Habitacional/ olaria	XV - XVIII	alguidar, almofariz, candeia, escudela, frigideira, panela, púcaro, tacho, tigela, testo	alguidar, escudela, prato, tigela	tigela	NUNES, FILIPE, 2012
1925	Praça da Figueira/ Hospital Real de Todos-os-Santos	Hospital	XV – XVIII	alguidar, bilha, boião, cântaro, cantil, escudela, frigideira, panela, pote, prato, púcaro, salseira/saleiro, tacho, talha, testo, tigela	alguidar, bilha, cântaro, frigideira, prato, tigela	açucareiro, tampa	SILVA, GUINOTE, 1998
Sem CNS	Rua São Filipe Neri	Indeterminado	Meados XVIII	panela			TRINDADE, DIOGO, 1998a
Sem CNS	Socorro	Indeterminado	XV - início XVI	caneca			SILVA, GUINOTE, 1998
13099	Escadinhas da Saúde	Indeterminado	Meados XVIII	alguidar, panela, tacho, tigela		púcaro, tampa	TRINDADE, DIOGO, 1998b

CNS	Sítios (de Lisboa)	Tipo de contexto	Cronologia (em séculos)	Cerâmica comum	Cerâmica vidrada	Cerâmica modelada e fina	Bibliografia
Sem CNS	Rua José António Serrano	Indeterminado	Meados XVI - meados XVII	prato, almofariz	prato		SILVA, GUINOTE, 1998
16704	Praça Dom Pedro IV (Rossio)	Indeterminado	XVI	pote			SILVA, GUINOTE, 1998
10632	Largo de Santo António	Indeterminado	XVII	bilha			SILVA, GUINOTE, 1998
12276	Travessa da Madalena, 18	Indeterminado	Meados XVIII	alguidar, mealheiro, panela, pote, prato, tacho, testo, tigela	alguidar		TRINDADE, DIOGO, 1998a; TRINDADE, DIOGO, 1997
35894	Pátio Linheiro, Largo dos Trigueiros	Indeterminado	2.ª metade XVII	bilha, cântaro, cantil, fogareiro, panela, prato, púcaro, recipiente de medida, servidor, tacho, testo, tigela	alguidar, pote	brinco, púcaro, pote, sino	BARGÃO, FERREIRA, 2013
35904	Rua do Benfornoso, 168-186	Olaria	XV - XVI	alguidar, bilha, cântaro, escudela, frigideira, infusa, panela, pote/talha, prato/testo, servidor, testo, tigela	bilha, cântaro, escudela, infusa, pote/talha, prato/testo, servidor, tigela	boião, caneca, salseira/saleiro, púcaro, tampa	MARQUES, LEITÃO, BOTELHO, 2012
21948	Edifício do Aljube/ Rua Augusto Rosa	Palácio	XVI			açucareiro, pote, prato, servidor, taça, tampa	SANTOS, 2008
15737	Palácio do Poço Novo/ Palácio Mesquitela	Palácio	XVII - XVIII	alguidar, frigideira, panela, púcaro, tigela			SIMÃO, 2010
13306	Castelo de São Jorge - Palácio das Cozinhas	Palácio	XVII	frigideira, pote, púcaro, testo		tigela	FILIPPE <i>et alii</i> , 2013
274	Casa dos Bicos	Palácio	XV - XVIII	candeia, caneca, cântaro, bilha, frigideira, infusa, panela, púcaro, tacho, testo	candeeiro, pote, tigela	taça	SILVA, GUINOTE, 1998
13324	Castelo de São Jorge - Palácio do Governador	Palácio	XV - XVI	alguidar, almofariz, bilha, candeia, caneca, cântaro, fogareiro, frigideira, infusa, panela, pote, prato, púcaro, recipiente de medida, servidor, tacho, talha, testo, tigela, trempe	alguidar, bilha, panela, servidor, testo, tigela	púcaro	GASPAR <i>et alii</i> , 2009; OLIVEIRA, 2009; GASPAR, GOMES, 2012
13836	Praça Luís de Camões	Palácio	XVIII	panela, pote, prato, recipiente de medida			SANTOS, 1996b
32150	Quinta de Vila Pouca - Vale de Alcântara (ETAR de Alcântara)	Quinta	XVII - início XVIII	alguidar, frigideira, panela, pote, púcaro, recipiente de medida, tacho	alguidar, pote, servidor, tigela		BATALHA, CARDOSO, 2013

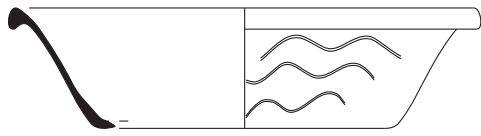
Na *Tipologia: estampa* (Figura 31) estão ainda incluídas: ilustrações de exemplares publicados para os quais não foi elaborada estampa tipológica específica (apito, brinco, jarra e sino); ilustrações de “tipos” ausentes (em forma completa ou quase) na bibliografia sobre cerâmica moderna de Lisboa, tendo-se recorrido a objectos publicados de outra proveniência (barril, botija, mealheiro e talha); e ilustrações de objectos inéditos da responsabilidade das autoras (candeeiro e pedra de jogo). Para estes casos, a informação contextual e os créditos bibliográficos estão incluídos nas *Fichas tipológicas*.

5. Nota Final

Os objectos cerâmicos são uma componente essencial da cultura material de Época Moderna, nomeadamente no que respeita ao ambiente doméstico. Desde a pré-história, a cerâmica adquire este papel preponderante e predominante, pois provém de matéria-prima geralmente acessível e abundante, tem tecnologia de transformação bem dominada e é de reposição rápida, o que permite o consumo generalizado e socialmente transversal deste material.

Cozinha

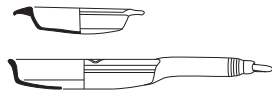
Alguidar



Almofariz



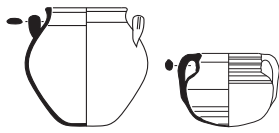
Frigideira



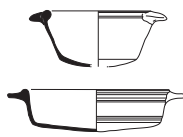
Testo



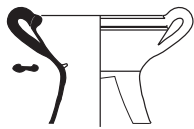
Panela



Tacho



Fogareiro



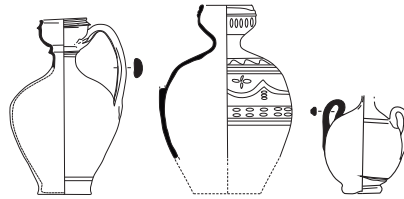
Trempe



10 cm

Mesa

Bilha



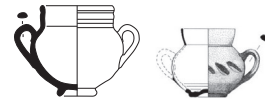
Infusa



Tampa



Açucareiro



Taça de pé alto



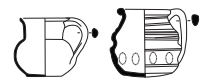
Jarrinha



Caneca



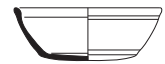
Púcaro



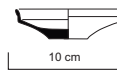
Escudela



Tigela



Salseira / Saleiro



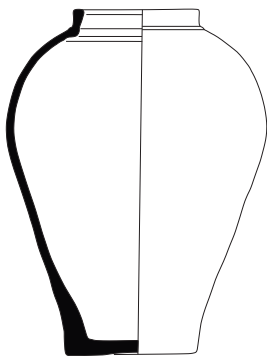
Prato



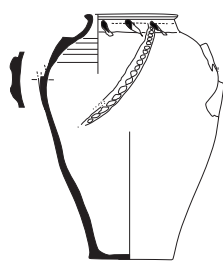
10 cm

Armazenamento / Transporte

Talha



Pote



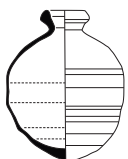
Barril



Cântaro



Botija



Cantil



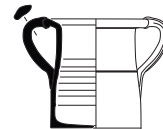
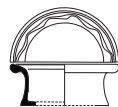
Boião



10 cm

Higiene

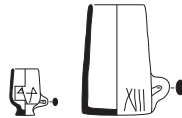
Servidor



10 cm

Outras

Recipiente de medida

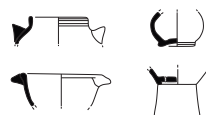


Mealheiro



10 cm

Brinco



10 cm

Jarra



10 cm

Pedra de jogo



10 cm

Apito



10 cm

Iluminação

Candeia



Candeeiro



10 cm

Sino



10 cm

Figura 31 - Cerâmica Moderna de Lisboa | Tipologia: estampa.

Entre os séculos XV e XVIII, a olaria europeia, e de forma particular, a portuguesa e a lisboeta, sofrem transformações acentuadas, não tanto a nível tecnológico (as aquisições de conhecimento e inovações técnicas são quase sempre anteriores), mas essencialmente ao nível da transmissão e reprodução de modelos que geram fenómenos de padronização morfo-tipo-tecnológica, possibilitada e acentuada pela progressiva globalização do comércio e do consumo. Outro elemento distintivo relevante da cerâmica europeia deste período é a forte influência exercida pelos elementos ornamentais, iconográficos e temáticos das cerâmicas orientais, nomeadamente, da porcelana (VITERBO, 1922).

Verificam-se também nesta fase outros factores, designadamente, a complexificação da estrutura económica; a generalização do transporte marítimo transoceânico de cerâmica e de produtos envasados em recipientes cerâmicos; o crescimento acentuado das cidades, abarcando antigos arrabaldes oleiros e obrigando à criação de novos e descentrados centros de produção oleira de características eminentemente industriais; a alteração e multiplicação de usos dos objectos cerâmicos.

Estas características traduzem bem, por um lado, a complexidade do tema e, por outro, o interesse em prosseguir e aprofundar a investigação sobre a cerâmica de Época Moderna. Acresce que Lisboa, como centro produtor e consumidor, é uma cidade situada no âmago das problemáticas históricas enunciadas, daí o elevado interesse no estudo da sua cerâmica.

A presente *Tipologia* para a cerâmica de Época Moderna, produzida e consumida na cidade de Lisboa, representa a síntese possível, considerada a produção científica relevante para o tema, produzida nos últimos 50 anos. É de salientar que a esmagadora maioria das referências bibliográficas utilizadas (mais de $\frac{3}{4}$) foram publicadas nos últimos 15 anos. Por esta razão deve sublinhar-se que esta proposta decorre de um esforço colectivo recente de um conjunto muito alargado de investigadores (64) que estudaram e publicaram cerâmicas desta época recolhidas em intervenções arqueológicas na cidade de Lisboa. Não apenas porque publicaram os objectos que estão na base desta proposta, mas porque estes objectos foram integrados cronologicamente e também numa tipologia, ainda que informal e não previamente estabelecida. Os trabalhos publicados apresentam objectos cerâmicos normalmente integrados num "tipo", ou seja, numa categoria morfológica e funcional. Esta interpretação de base, que recorre frequentemente a dados arqueológicos contextuais é fundamental para a abordagem agora proposta, que sistematiza e sintetiza um volume considerável de informação. Esta *Tipologia* representa assim também um esforço de revisão crítica de diferentes categorizações morfológicas e funcionais, partindo de pressupostos mais abstractos, pois lida com informação científica secundária, já trabalhada com recurso a métodos e perspectivas necessariamente diferenciados, proveniente de contextos diversificados.

A segunda componente fundamental desta *Tipologia* relaciona-se com a terminologia, ou seja, com a designação atribuída a cada "tipo" cerâmico. Na senda de anteriores trabalhos com objectivos análogos, correlacionando os dados arqueológicos, com a informação

proveniente da documentação escrita e até de fontes iconográficas e etnográficas, procurou-se determinar uma relação entre os objectos e a sua denominação. Apesar de aparentemente prosaico, este propósito reveste-se de grande complexidade. Por um lado, persistem numerosos termos cujo objecto significativo não está determinado; por outro, registam-se abundantes achados arqueológicos em cerâmica cuja designação coeva se desconhece.

Nunca é demais recuperar um pressuposto expresso nas palavras introdutórias do presente artigo: a *Tipologia* aqui preconizada é uma primeira proposta e não um trabalho acabado. Existe não apenas a convicção, mas mesmo a certeza, que os 37 "tipos" que integram esta proposta não esgotam o repertório cerâmico efectivamente produzido e utilizado em Época Moderna na cidade de Lisboa. Ou seja, a *Tipologia* será necessariamente alargada, em função da evolução da investigação sobre este tema. Mais e diferentes objectos cerâmicos serão publicados com informação suficiente que permita a sua categorização e a orientação da pesquisa sobre a sua denominação.

Por fim, fazem-se votos que esta *Tipologia* cumpra a sua função de normalização no discurso científico e de uniformização de critérios metodológicos no estudo de colecções cerâmicas. Pretende-se assim facilitar a leitura e interpretação dos trabalhos científicos, assim como a transmissão de informação entre quem trabalha sobre o objecto comum que é a cidade de Lisboa, em Época Moderna. Espera-se também que possa constituir um instrumento de trabalho válido e útil para quem escolha utilizá-lo, mas que igualmente seja sujeito à necessária discussão científica sobre os seus pressupostos e conteúdo, com vista a uma permanente revisão e implementação futura.

Agradecimentos

As autoras agradecem a: João Coelho (pelo apoio ao nível do desenho), Ana Sofia Gomes, Ana Vale, Filipa Bragança (pelo apoio no tratamento de informação geográfica e produção de mapa), Susana Martínez Gómez, Marco Liberato, Isabel Inácio, Ricardo Costeira da Silva (pelas indicações bibliográficas e cedência de bibliografia), Ana Nunes (na revisão de texto), Guilherme Cardoso e Grupo CIGA (pelo apoio e inspiração).

Bibliografia

- ALVES, F.; RODRIGUES, P. J.; GARCIA, C.; ALELUIA, M. (1998): A cerâmica dos destroços do navio dos meados do Século XV, Ria de Aveiro A e da Zona Ria de Aveiro B. Aproximação tipológica preliminar. In DIOGO, J. M.; ABRAÇOS, H. C. (eds.), *Actas das 2.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, Câmara Municipal de Tondela, pp. 185-210.
- AMARO, C. (1983): XX séculos de arqueologia e história. In *Catálogo da XVII Exposição de Arte, Ciência e Cultura: a Dinastia de Avis e a Europa - Casa dos Bicos. Lisboa: Maio-Outubro 1983*, Lisboa, Presidência do Conselho de Ministros, pp. 251-252.

- AMARO, C. (dir.) (1995): *Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros*. Lisboa, Fundação Banco Comercial Português, 51 p.
- AMARO, C. (2002): Percurso arqueológico através da Casa dos Bicos. In *De Olisipo a Lisboa. A Casa dos Bicos*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, pp. 11-27.
- ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C. (eds.) (2013): *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1221 p.
- AVERY, G. (1997): *Pots as packagings: the Spanish Olive jars and Andalusian Transatlantic Commercial Activity, 16th-18th centuries*. Gainesville Florida.
- BARGÃO, A.; FERREIRA, S. (2013): Pátio Linheiro, Largo dos Trigueiros: um exemplo da Lisboa seiscentista. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C. (eds.), *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1049-1055.
- BATALHA, L.; CARDOSO, G. (2013): Poço seiscentista no Vale de Alcântara (Santa Isabel, Lisboa). *EMERITA - Estudos de Arqueologia e Património Cultural*, 1, pp. 113-140. Disponível em: http://emeritaeapc2013.info/Poco_Vale_Alcantara.pdf [consultado em 15 de Maio de 2015].
- BLUTEAU, R. (1712-1728): *Vocabulário português e latino...* Coimbra, Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 10 vol. Disponível em: <http://purl.pt/13969/4/> [consultado em 15 de Maio de 2015].
- BRAGA, I. M. D. (2011): Dos tachos e panelas aos açucareiros e bules. Recipientes para confeccionar e servir alimentos em Portugal na Época Moderna. *História Questões & Debates*, 28: 54, Curitiba, Editora UFPR, pp. 71-101.
- BRITO, C. F.; DIAS, M. E.; MATOS, R.; GASPAR, A.; GOMES, A. (2001): *Um olhar sobre o Castelo de São Jorge – século VII – século XX*. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, Pelouro da Reabilitação Urbana dos Bairros Históricos, 63 p.
- BRITO, S.; BARBOSA, R. (2012): Vestígios modernos de uma intervenção de emergência na Rua Rafael Andrade (Lisboa). In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A. (eds.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna* (Arqueoarte, 1), Vol. 1, Lisboa, CHAM/Faculdade de Ciências Sociais e Humana/Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 151-156.
- BUGALHÃO, J.; CATARINO, H.; CAVACO, S.; COVA-NEIRO, J.; FERNANDES, I. C.; GOMES, A.; GÓMEZ MARTÍNEZ, S.; GONÇALVES, M. J.; GRANGÉ, M.; INÁCIO, I.; LOPES, G.; SANTOS, C. (2010): Projecto de sistematização para a cerâmica islâmica do Gharb al-Ándalus. *Xelb: Revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História*, 10, Silves, Museu Municipal de Arqueologia, Câmara Municipal de Silves, pp. 455-476.
- CAESSA, A.; MOTA, Nuno (2013): Redescobrimo a História de Carmide: a Intervenção Arqueológica no Largo do Coreto e Envolvente. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César (eds.), *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1025-1032.
- CARVALHO, P.; BETTENCOURT, J. (2012): De Aveiro para as margens do Atlântico. A carga do navio Ria de Aveiro A e a circulação de cerâmica na época moderna. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A. (eds.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna* (Arqueoarte, 1), Vol. 2, Lisboa, CHAM/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 733-746.
- CASIMIRO, T. M. (2011): Estudo do espólio de habitação setecentista em Lisboa. *O Arqueólogo Português*, 1, Série V, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, pp. 689-726.
- COELHO, I. P. (2012): Muito mais do que lixo: a cerâmica do sítio arqueológico subaquático Ria de Aveiro B-C. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A. (eds.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna* (Arqueoarte, 1), Vol. 2, Lisboa, CHAM/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 757-770.
- COELHO, I. P.; BUGALHÃO, J. (2015): Cerâmica. In BUGALHÃO, J. (dir.), *Uma casa pré-pombalina na Baixa Lisboa*. (Arqueoarte, 3), Lisboa, CHAM/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 31-54.
- Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001): 2 vol, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, Editorial Verbo.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (1995): Cerâmicas de Lisboa provenientes de contextos datados. Materiais de uma lareira de cozinha destruída pelo Terramoto de 1755. In DIOGO, J. M.; ABRAÇOS, H. C. (eds.), *I Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, Câmara Municipal de Tondela, pp. 163-170.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (1998): Intervenção Arqueológica na Rua João do Outeiro, n.º 36/44, na mouraria, em Lisboa. In DIOGO, João Manuel; ABRAÇOS, Helder Chilra (eds.), *Actas das 2.as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*, Tondela, Câmara Municipal de Tondela, pp. 257-265.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (1999): Brinquedos populares de Lisboa em barro vermelho, à época do Marquês de Pombal. *Olisipo*, 10 (Outubro), II Série, Lisboa, Grupo de Amigos de Lisboa, pp. 66-70.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (2000a): Cerâmicas de barro vermelho, encontradas em entulhos do terramoto de 1531, na intervenção arqueológica da Rua dos Correiros, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 3:2, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, pp. 201-235.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (2000b): Intervenção arqueológica na Rua de São Nicolau, n.º 107/111 (Lisboa). *Arqueologia e História*, 52 (Estudos de Lisboa, Séculos XV a XIX, I Colóquio Temático), Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Edições Colibri, pp. 231-253.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (2001): Intervenção arqueológica de emergência na Rua dos Correiros, Baixa de Lisboa. As sondagens n.ºs 3, 11, 26 e 27. *Arqueologia e História*, 53 (Estudos de Lisboa - séculos VIII-XV – II Colóquio Temático), Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Edições Colibri, pp. 15-33.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (2008): Cerâmicas de barro vermelho, encontradas em entulhos do terramoto de 1531, Lisboa. *Actas das 4.as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós Medieval*, Tondela, Câmara Municipal de Tondela, pp. 171-185.
- ETCHEVARNE, C.; SARDINHA, O. (2007): A cerâmica vermelha fina do Convento de Sant'Anna (Lisboa), no acervo do Museu Nacional de Arqueologia. *O Arqueólogo Português*, 23, Série IV, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, pp. 345-372.

- FERNANDES, I. (2012): *A louça preta em Portugal: estudo histórico, modos de fazer e de usar*. Tese de Doutoramento em História, Especialidade de Idade Contemporânea, Braga, Instituto de Ciências Sociais/Universidade do Minho <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/24904> [consultado em 15 de Maio de 2015].
- FERREIRA, F. E. R.; NEVES, M. da C. M. (2005): Intervenção Arqueológica na Igreja do Convento do Carmo. *Construindo a Memória. As colecções do Museu Arqueológico do Carmo*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 580-609.
- FILIPE, V.; CALADO, M.; FIGUEIREDO, M.; CASTRO, A. (2013): Intervenção Arqueológica na Rua do Espírito Santo, Castelo (Lisboa). Do romano republicano à época contemporânea: dados preliminares. *Al-Madan Online*, 17, Tomo II. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, pp. 6-12. https://issuu.com/almadan/docs/maqueta_17_2_completa_online [consultado em 15 de Maio de 2015].
- FREIRE, A. B. (2001): *Archivo historico portuguez*, 11 vol, 2.ª Edição. Santarém, Câmara Municipal de Santarém.
- GASPAR, A.; AMARO, C. (1997): Cerâmicas dos séculos XIII-XV da cidade de Lisboa. In *La céramique médiévale en Méditerranée. Actes du Vème Congrès l'AIECM2*, Aix-en-Provence, Narration Éditions, pp. 337-345.
- GASPAR, A.; GOMES, A. (2012): A cerâmica moderna do Castelo de S. Jorge: produção local de cerâmica comum, pintada a branco, moldada e vidrada e de faiança. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A. (eds.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna* (Arqueoarte, 1), Vol. 2, Lisboa, CHAM/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 719-732.
- GASPAR, A.; GOMES, A.; MENDES, H. C.; PINTO, P.; GUERRA, S.; RIBEIRO, S.; PIMENTA, J.; VALONGO, A. (2009): Cerâmicas do século XV-XVI da Casa do Governador – Castelo de S. Jorge, Lisboa. In ZOZAYA, J.; RETUERCE, M.; HERVÁS, M. Á.; JUAN, A. (eds.), *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo. Ciudad Real - Almagro del 27 de febrero al 3 de marzo de 2006*, Tomo II, Ciudad Real, Asociación Española de Arqueología Medieval, pp. 653-672.
- GOGGIN, J. (1960): The Spanish Olive Jar. An Introduction Study. *Yale University Publications in Anthropology*, 62. *Papers in Caribbean Anthropology*, n.os 57-64, compiled by Mintz, Sidney W. Yale.
- GOMES, A.; GASPAR, A.; PIMENTA, J.; GUERRA, S.; MENDES, H.; RIBEIRO, S.; VALONGO, A.; PINTO, P. (2003): Castelo de São Jorge – balanço e perspectivas dos trabalhos arqueológicos. *Revista Património e Estudos*, 4, Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico, pp. 214-223.
- GOMES, A.; GASPAR, A.; VALONGO, A.; PINTO, P.; GUERRA, S.; RIBEIRO, S.; MENDES, H. C.; PIMENTA, J. (2009): Cerâmicas medievais provenientes do Beco do Forno – Castelo de S. Jorge. In ZOZAYA, J.; RETUERCE, M.; HERVÁS, M. Á.; JUAN, A. de (eds.), *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo. Ciudad Real - Almagro del 27 de febrero al 3 de marzo de 2006*, Tomo II, Ciudad Real, Asociación Española de Arqueología Medieval, pp. 955-962.
- GOMES, M. V. (2008): Dois fornos de cerâmica de Silves (Sécs. XVI -XVII) – Notícia preliminar. In DIOGO, J. M.; ABRAÇOS, H. C. (eds.), *Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo. Actas das 3.as Jornadas*, Tondela, Câmara Municipal de Tondela, pp. 271-292.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V. (2007): Escavações arqueológicas no Convento de Santana, em Lisboa. Resultados Preliminares. *Olisipo*, 27, Série II, Lisboa, Grupo de Amigos de Lisboa, pp. 75-92.
- GOMES, P. D. G. (1996): O livro de cozinha da infanta Dona Maria. *Olaria: estudos arqueológicos, históricos e etnográficos*, 1 (Dezembro), 2.ª Série, Barcelos, Museu da Olaria, pp. 93-104.
- GOMES, R. V. (1996): Silves nos Descobrimentos. *Xelb: Revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História*, 3, Silves, Câmara Municipal de Silves.
- GOMES, R. V. (2014): A Arqueologia da Idade Moderna em Portugal – contributos e problemáticas. *O Arqueólogo Português*, 2 (2012), Série V, Lisboa, Direcção Geral do Património Cultural, pp. 13-75.
- GOMES, R. V.; GOMES, M. V.; ALMEIDA, M.; BOAVIDA, C.; NEVES, D.; HAMILTON, K.; SANTOS, C. (2013): Convento de Santana (Lisboa). Estudo preliminar do espólio da fossa 7. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C. (eds.), *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1057-1065.
- GOMÉZ MARTÍNEZ, S. (2014): *Cerâmica Islâmica de Mértola*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, 427 p.
- GONZALEZ, C. (2012): Os novos espaços da cidade moderna: uma aproximação à Ribeira de Lisboa através de uma intervenção no Largo do Terreiro do Trigo. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A. (eds.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna* (Arqueoarte, 1), Vol. 1, Lisboa, CHAM/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 85-94.
- LIBERATO, M. (2012): *A cerâmica pintada a branco na Santarém Medieval. Uma abordagem diacrónica: séculos XI a XVI*. Tese de mestrado em Arqueologia apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/6023> [consultado em 15 de Maio de 2015].
- LOUREIRO, V.; MARTINHO, C. (2009): As anforetas do Cabo Sardão. *O Arqueólogo Português*, Vol. 1, V Série. Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, pp. 373-408.
- MACHADO, J. P. (1987): *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 4.ª Edição, 5 Volumes. Lisboa, Livros Horizonte.
- MARKEN, M. (1994): *Pottery from Spanish Shipwrecks 1500-1800*. Gainesville, Florida University Press.
- MARQUES, A.; LEITÃO, E.; BOTELHO, P. (2012): Rua do Benfornoso 168/186 (Lisboa – Mouraria/Intendente): entre a nova e a velha cidade, aspectos da sua evolução urbanística. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A. (eds.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna* (Arqueoarte, 1), Vol. 1, Lisboa, CHAM/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 123-134.
- MOITA, I. (1965): Hospital Real de Todos-os-Santos II (relatório das escavações a que mandou proceder a CML de 22 de Agosto a 24 de Setembro 1960). *Revista Municipal*, 104-105, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 26-103.
- MOITA, I. (1993): As escavações de 1960 que puseram a descoberto parte das ruínas do Hospital Real de Todos-Os-Santos. In *Hospital Real de Todos-Os-Santos: Sé-*

- culos XV/XVII, Catálogo*, Lisboa, Museu Rafael Bordalo Pinheiro, pp. 20-22.
- NUNES, T.; FILIPE, I. (2012): Quarteirão dos Lagares: contributo para a história económica da Mouraria. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A. (eds.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna* (Arqueoarte, 1), Vol. 1, Lisboa, CHAM/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 140-150.
- OLIVEIRA, F. S. (2012): *Espólio de Idade Moderna do Beco das Barrelas, Alfama, Lisboa*. Dissertação de Mestrado, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10362/9244> [consultado em 15 de Maio de 2015].
- OLIVEIRA, T. (coord.) (2009): *Castelo de São Jorge. Núcleo Museológico*. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa/EGEAC, EM, 82 p.
- PRATA, S.; DIAS, D.; CUESTA-GÓMEZ, F. (2013): A memória de um espaço urbano - Trabalhos de acompanhamento arqueológico na reabilitação do n.º 2 da Rua da Saudade (Freguesia de Santiago, Lisboa). In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C. (eds.), *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1041-1048.
- Planta Topographica da Cidade de Lisboa, compreendendo na sua extensão abeira Mar da Ponte d' Alcântra, até ao Convento das Commendadeiras de Santos, e sua largura, da Real Praça do Commercio até ao Collegio dos Religiosos Agostinhos descalços [...]*. [s.l.: s.n. s.d.]. Posterior a 1780. Coleção de Augusto Vieira da Silva, com o n.º 43 (planta 4), Lisboa, Gabinete de Estudos Olisiponenses, Câmara Municipal de Lisboa.
- RAMALHO, M. M.; FOLGADO, D. (2002): Cerâmica modelada ou o requinte à mesa do Convento de S. Francisco de Lisboa. In 3.º *Encontro de Arqueologia Urbana, Actas*, Almada, Câmara Municipal de Almada, pp. 247-268.
- RIBEIRO, M. (1987): Património cerâmico e linguístico português sob influência islâmica. In *A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Lisboa, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 491-596.
- SANTOS, M. J. A. (2006a): Largo Vitorino Damásio (Santos-o-Velho, Lisboa) Contributo para a história da zona ribeirinha de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9: 2, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, pp. 369-399.
- SANTOS, V. L. (2006b): Copa e área de serviço do Palácio dos Marqueses de Marialva. *Revista Estudos e Património*, 9, Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico, pp. 207-212.
- SANTOS, P. A. (2008): Cerâmicas de cronologia moderna do edifício do Aljube em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 11: 2, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, pp. 325-345.
- SILVA, A. M. (1949-59): *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 10.ª Edição, 12 Volumes, Lisboa, Editorial Confluência. (revista, corrigida, muito aumentada e actualizada segundo as regras do acordo ortográfico luso-brasileiro de 10 de Agosto de 1945, por Augusto Moreno, Francisco José Cardoso Júnior e José Pedro Machado).
- SILVA, R. B. da; GUINOTE, Paulo (1998): *O quotidiano na Lisboa dos Descobrimentos: roteiro arqueológico e documental dos espaços e objectos*. Lisboa, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 285 p.
- SILVA, R. B. da; MIRANDA, P.; VICENTE, A. M.; LOPES, G.; NOZES, C. (2012): Largo do Chafariz de Dentro: Alfama em época moderna. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A. (eds.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna* (Arqueoarte, 1), Vol. 1, Lisboa, CHAM/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 71-84.
- SIMÃO, I. (2010): Palácio Mesquita: espaço habitacional da Lisboa Moderna e Contemporânea. *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 6, Lisboa, NIA: Núcleo de Investigação Arqueológica/ERA Arqueologia, pp. 83-89. <http://www.nia-era.org> [consultado em 15 de Maio de 2015].
- SOUSA, É. D. M. (2011): *Ilhas de Arqueologia. O Quotidiano e a Civilização Material na Madeira e nos Açores (Séculos XV-XVIII)*. Tese de Doutoramento em História Regional e Local apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/5377> [consultado em 15 de Maio de 2015].
- TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A. (2012): Introdução. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A. (eds.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna* (Arqueoarte, 1), Vol. 1, Lisboa, CHAM/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 9-10.
- TORRES, C.; GÓMEZ, S.; FERREIRA, M. B. (2003): Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos. In DIOGO, J. M.; ABRAÇOS, H. C. (eds.), *Actas das 3.ªs Jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval, métodos e resultados para o seu estudo*, Tondela, Câmara Municipal de Tondela, pp. 125-134.
- TORRES, J. (2011): *Quotidianos no Convento de São Francisco de Lisboa: uma análise da cerâmica vidrada, faiança portuguesa e porcelana chinesa*. Tese de Mestrado em Arqueologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10362/7125> [consultado em 15 de Maio de 2015].
- TORRES, J. (2012): Mosteiro de São Francisco de Lisboa: fragmentos e documentos na reconstrução de quotidianos. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A. (eds.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna* (Arqueoarte, 1), Vol. 1, Lisboa, CHAM/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 539-550.
- TRINDADE, L.; DIOGO, A. M. D. (1997): Intervenção arqueológica na Travessa da Madalena, n.º 18 (Lisboa). *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*, 3, Lisboa, Assembleia Distrital de Lisboa, pp. 67-80.
- TRINDADE, L.; DIOGO, A. M. D. (1998a): Cerâmicas da época do terramoto de 1755 provenientes de Lisboa. In DIOGO, J. M.; ABRAÇOS, H. C. (eds.), *Actas das 2.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*, Tondela, Câmara Municipal de Tondela, pp. 349-353.
- TRINDADE, L.; DIOGO, A. M. D. (1998b): Intervenção arqueológica nas Escadinhas da Saúde, em Lisboa. *Olisipo*, 7, II Série, Lisboa, Grupo de Amigos de Lisboa, pp. 21-30.
- TRINDADE, L.; DIOGO, A. M. D. (2003a): Cerâmicas de barro vermelho da intervenção arqueológica na Calçada de S. Lourenço, n.º 17/19, em Lisboa. In DIOGO, J. M.; ABRAÇOS, H. C. (eds.), *Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo. Actas das 3.ªs Jornadas*, Tondela, Câmara Municipal de Tondela, pp. 203-213.

- TRINDADE, L.; DIOGO, A. M. D. (2003b): Cerâmicas de barro vermelho de entulhos do Terramoto de 1755 provenientes da Sondagem 14 da Rua dos Correiros, em Lisboa. In DIOGO, J. M.; ABRAÇOS, H. C. (eds.), *Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo. Actas das 3. as Jornadas*, Tondela, Câmara Municipal de Tondela, pp. 285-293.
- VASCONCELOS, C. M. de (1921): *Algumas palavras a respeito de púcaros de Portugal* (Subsídios para a história da arte portuguesa; 2). Coimbra, Imprensa da Universidade, 90 p.
- VIANA, M. (2015): Dois recipientes de medida para líquidos em cerâmica, in BUGALHÃO, J. (dir.), *Uma casa pré-pombalina na Baixa Lisboaeta. (Arqueoarte, 3)*. Lisboa, Centro de História de Além-Mar/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas- Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores, pp. 55-60.
- VITERBO, S. (1922): *A Cerâmica Lisbonense nos princípios do século XVII / (Separata de Arqueologia e História, 1)*. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 4 p.

